



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE-UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU
DEPARTAMENTO DE LETRAS-DL
CURSO DE LETRAS

KEILA LAIRINY CÂMARA XAVIER

A IMAGEM DA ESCRAVA NA POESIA DE CASTRO ALVES

PATU
2016

KEILA LAIRINY CÂMARA XAVIER

A IMAGEM DA ESCRAVA NA POESIA DE CASTRO ALVES

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Ms. Fernando de Azevedo Guedes.

PATU
2016

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

XXavieri	Xavier, Keila Lairiny Câmara Xavier. A IMAGEM DA ESCRAVA NA POESIA DE CASTRO ALVESS / Keila Lairiny Câmara Xavier Xavier - 2016. 64 p. Orientador: Fernando de Azevedo Guedes Guedes. Coorientadora: Larissa Cristina Viana Lopes Lopes. Monografia (Graduação) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Letras , 2016. 1. Poesia de Castro Alves. 2. Mulher Negra. 3. Constituição feminina. I. Guedes, Fernando de Azevedo Guedes, orient. II. Lopes, Larissa Cristina Viana Lopes, co-orient. III. Título.
----------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

KEILA LAIRINY CÂMARA XAVIER

A IMAGEM DA ESCRAVA NA POESIA DE CASTRO ALVES

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN – como requisito obrigatório para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Fernando de Azevedo Guedes

Aprovada em ___/___/_____

Banca Examinadora

Fernando de Azevedo Guedes
Orientador

Larissa Cristina Viana Lopes
1º Examinador

Maria Gorete Paulo Torres
2º Examinador

PATU
2016

DEDICATÓRIA

Ao Pai todo poderoso que a cada queda me dá forças para reconstituir meus objetivos e seguir em frente. Sem Teu amor e companhia diária nada disso seria possível. Aos seus valorosos caminhos traçados para mim, no qual fez-me tornar uma nova mulher, mais forte, firme, batalhadora, professora e mãe. Sem, Seus objetivos não seria a mesma. Hoje, escrevendo essas linhas, nas quais poderiam ser milhares, entendo o que o Senhor realmente queria para mim e, neste momento, compreendo o que, por ingenuidade, lhe questioneei lá atrás. Meu muito obrigado. Também ainda me recordo das vezes que nas minhas orações Tu me pedistes calma, que a vitória estava próxima, e eu não compreendia. E hoje estou alegre e completa, mas tudo isso só foi possível pelo Seu caloroso amor. Meu grandioso, obrigada. Para sempre irei amá-lo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus sem Sua permissão este sonho não seria concretizado. O Senhor me fez grande, perante os superiores me deu sabedoria, nas horas necessárias me mostrou caminhos certos, nos quais encontrei a verdade e êxito.

A minha vó mãe, Francisca Neri, pelo amor, companheirismo e compartilhamentos das horas agradáveis e difíceis. Permitiu-me sentir-me grande, dando forças e mostrando que era possível. Agradeço integralmente a ti, todas as linhas deste trabalho, expressam meu amor por você. A senhora é meu grande orgulho te amo demais.

A minha princesinha, Ana Clara, este trabalho é seu, acho que sabe até mais sobre os teóricos do que eu. Meu amor, esta conquista é sua. Minha vida, desculpa-me pelas horas e dias ausentes, mas tudo isso foi necessário e pensando em você. Como Deus foi o maior colaborador deste trabalho, você foi à segunda arquiteta, sem seu amor e vida este sonho não seria possível. Quero lhe orgulhar muito e lhe mostrar que tudo é necessário, já que o “essencial é invisível aos olhos, e só pode ser visto com o coração”. (SAINT, 2009. 38). Em todos os segundos, horas e dias eu lhe amei e meu coração se enche de orgulho ao vê-la crescer. Com certeza seu amor deu-me forças absolutas.

A minha mãe, Ana Paula, pelo amor, força e as motivações, que me encorajaram constantemente. E pelo exemplo de educadora. Meu muito obrigado.

Ao meu Pai, Herlano Xavier, pelo amor e compreensão de todos os dias. Pelos ensinamentos, os quais sempre só visam meu crescimento. Meu muito obrigado.

Ao meu esposo, Marton Marinho, pelo companheirismo em todos os momentos e compreensão nos vários momentos de ausências.

Aos meus avôs, Herculano e Miguel, meu muito obrigado.

A minha avó, Nilza, que hoje habita no céu, e tenho certeza que todos os dias olha atentamente para mim e se orgulha. Dou-lhe muitíssimo obrigada. O que eu queria era sua calorosa presença e um abraço. Saiba que sua memória jamais será silenciada em meu coração. Grandiosas saudades.

A minha irmã, Ana Mirla, pelo seu amor e companheirismos em todos os momentos.

Aos meus tios, Hélio, Felipe, Helmara, Paloma e Nailda, os quais foram grandes colunas em minha vida.

Aos meus primos queridos, em especial Ana Vitória e Lívia.

Aos meus familiares em geral (tios segundos e primos), muito obrigado.

Aos colegas do curso, em especial- Fernanda, Ocidália e Lúcia, nos quais constitui-nos um quarteto. Obrigada pelas aprendizagens compartilhadas, aflições, sucessos e derrotas. Que nossa amizade perdure por muitos anos.

A todos os professores do *Campus* de Patu, que garantiram substancialmente meu aprendizado e sucesso, em especial a meu orientador Fernando, e co-orientadora Larissa, e a minha grandiosa examinadora Gorete. Muito obrigada, este trabalho é de vocês.

Aos docentes, Ariane, Ananias, Sueli, Silvânia e Vieira, os quais me deixam muito feliz por ter compartilhado momentos de aprendizagens. Obrigada

*Eu sou como a
garça triste que
mora a beira do rio.
(Castro Alves)*

RESUMO

Nossa presente pesquisa tem o objetivo de analisar as funções sociais exercidas pelas as mulheres negras escravizadas no Brasil durante o século XIX, através dos poemas de Castro Alves: “Canção do Africano”, “Mãe do Cativo”, “Mater Dolorosa”, “Tragédia no Lar” e “Lúcia”. Com o estudo pretendemos verificar quais atribuições sociais são consubstanciadas nas mulheres negras de origem africana, exploradas no Brasil colonial e imperial. Para dar sustentação teórica ao nosso trabalho, utilizamo-nos de postulações teóricas de alguns autores como Cotrim (2005) e Freyre (2003), discussões sobre a mulher escrava com Giacomini (2013), além de considerações importantes sobre a poesia social e libertária da terceira fase romântica, representada especialmente por Castro Alves, com Bosi (2013) Coutinho (2001) Candido (2004) e Moisés (2012), dentre outros. O presente estudo possibilitou conhecer o que autor Castro Alves retratava em suas obras com relação as pessoas marginalizadas que estavam a mercê da sociedade e eram usadas pelo sistema do tráfico negreiro como objetos, além do mais, verificamos que as mulheres retratadas por Castro Alves eram extremamente sofridas e amarguradas. Nossa análise demonstrou que as negras nunca são tratadas, nos poemas pesquisados, como símbolo de sexualidade, já que nos seus escritos o grande objetivo do autor era mostrar as pessoas como esses segmentos eram oprimidos no Brasil. Conferimos que a questão relacional existente entre classes (subordinados e donos) gênero (masculino e feminino) e também do sexo) e cor (branco ou negros) está inserida nas vivências das mulheres negras no Brasil escravocrata. Nas leituras dos poemas também percebemos que Castro Alves dá voz às negras, as quais deixam de ser objetos para serem sujeitos da sua própria história.

Palavras-chave: Poesia de Castro Alves. Mulher negra. Construção feminina.

ABSTRACT

Our current research has the purpose of analyzing the social functions exercised by black women enslaved in Brazil during the 19th century, through the poems of Castro Alves: “Canção do Africano”, “Mãe do Cativo”, “Mater Dolorosa”, “Tragédia no Lar” and “Lúcia”. With the study we want to see which tasks are embodied in the black women of African origin, explored in colonial and imperial Brazil. To give theoretical support to our work, so us nominations of some authors as theoretical Cotrim (2005) and Freyre (2003), discussions about the slave girl with Giacomini (2013), in addition to important considerations about the libertarian and social poetry of the third stage, represented especially by Castro Alves, with Bosi (2013) Coutinho (2001) Candido (2004) and Moises (2012), among others. . This study made it possible to know what author Castro Alves depicted in his works about marginalized people who were at the mercy of society and were used by the system of the slave trade as objects, besides, we can see that the women depicted by Castro Alves were extremely sustained and bitter. Our analysis showed that black women are never addressed, researched, in the poems as a symbol of sexuality, since in his writings the great goal of the author was to show people how these segments were oppressed in Brazil. Given that the existing relational issue between classes (and owners) gender (masculine and feminine) and also sex) and color (white or black) is embedded in the experiences of black women in Brazil slavery. In the readings of the poems also realize that Castro Alves gives voice to the black, which no longer objects to be subjects of their own history.

Key-words: Poetry of Castro Alves. Black woman. Female building.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A MULHER ESCRAVA NO SÉCULO XIX: ENTRE OPRESSÕES E RESISTÊNCIAS	13
2. A POESIA CANDOREIRA DE CASTRO ALVES.....	24
3. A MULHER NEGRA ESCRAVA, NA POÉTICA DE CASTRO ALVES.....	34
3.1. A canção do africano.....	35
3.2. Mãe do cativo.....	41
3.3. Mater dolorosa.....	45
3.4. Tragédia no lar.....	49
3.5. Lúcia.....	55
3.6. Aspectos relevantes sobre as análises dos poemas.....	60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	64

INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XIX, mais precisamente em 1822, o Brasil finalmente emerge de colônia para império, proclamando oficialmente sua independência da metrópole Portuguesa. O movimento de independência do Brasil foi liderado, em sua grande maioria, pelos grandes proprietários de terra e os grandes comerciantes, sendo assim conduzido pela elite brasileira, diferentemente da emancipação de outras colônias da América. Dessa forma, o modelo econômico lucrativo não se modificou: produção baseada na exportação de bens para Portugal e mão-de-obra notadamente escrava.

Após a emancipação política do Brasil, a vida de escravidão continua a mesma, qualquer forma de resistência trazia o tronco como castigo, na prática nada mudou para os menos desprovidos. A proclamação brasileira foi uma espécie de acompanhamento político com as outras nações, que vinham se tornando independentes das metrópoles, através de guerras sangrentas.

Dentro desse panorama político, social e econômico, aparece uma nova era literária, o Romantismo, que se desmembra em três vertentes, cada qual com suas peculiares características. A terceira geração, a condoreira, conhecida como social e libertária, abriu um olhar mais engajado para a causa da escravidão, através do escritor nordestino Castro Alves, dando voz aos negros escravos nos seus escritos.

Sendo o poeta dos escravos, Castro Alves traz à tona o universo de mulheres que pertenciam a esse segmento que foi altamente explorado no Brasil durante os períodos colonial e imperial. O escritor produziu uma literatura poética verdadeiramente denunciatória, na qual se consegue compreender as várias funções sociais exercidas pela mulher negra frente à escravidão.

Dessa maneira, esta presente pesquisa tem o objetivo primordial de analisar, em sua conjuntura, as imagens da mulher negra e escrava a partir das funções sociais por ela exercidas dentro dos poemas: “A Canção do Africano”, “Mater Doloroso”, “Mãe do Cativo”, “Tragédia no lar” e “Lúcia”, do autor Castro Alves, fazendo uma ponte de interligação contínua entre os poemas estudados e a realidade vivenciada pelas negras, que vieram para o Brasil através do tráfico de escravos. Tais poemas foram selecionados porque revelam características peculiares do cotidiano das escravas, as quais foram representadas na ótica de Castro Alves durante a segunda metade do século XIX.

Dessa forma, iremos centrar-nos em questionamentos em torno da mulher negra e escrava, como produtora do sistema comercial brasileiro, sendo direcionada para diversos fins

mercantis e utilitários. Giacomini (2013, p. 103), ressalva que “a negra era pau para toda obra” no Brasil colonial, em razão de sua condição de escrava. Dessa maneira, a questão que se torna mais latente é o caráter de símbolo de sexualidade espontânea de tais mulheres, pois a mulher negra era vista na sociedade como emblema de sexualidade por seu bem querer. Assim, far-se-á uma contínua ponte de interligação entre os poemas a serem analisados com tal problemática emblemática, que se envolve na imagem da escrava, utilizando os poemas como uns dos principais documentos para responder tais perguntas.

Esta pesquisa é dedutiva, porque é guiada por teorias gerais que conduzirão as questões particulares, bem como qualitativa, a qual justifica-se por ter o objetivo de se aprofundar nas investigações a fim de não só trazer questões superficiais, mas sim questões que facilite a compreensão dos elementos simbólicos dos poemas estudados.

Sendo assim esta pesquisa se constitui como explicativa e interpretativa, visto que os procedimentos de reflexões foram constituídos com o intuito de que possamos encontrar respostas para as indagações dos problemas levantados. Buscando compreender e analisar as imagens das mulheres negras escravas da poesia de Castro Alves. Como método de procedimentos utilizamos o analítico e o comparativo, que nos possibilitam diversas considerações sobre as representações das mulheres negras na ótica do autor Castro Alves.

Nesse contorno, a inserção dos fatos históricos que aqui serão abordados se faz necessário para possibilitar a observação e compreensão da existência da negra no cenário brasileiro escravocrata, cuja narrativa começa com a chegada do primeiro navio negreiro em terras brasileiras.

Dessa maneira, este trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro capítulo, “A mulher escrava no século XIX: entre opressões e resistências”, centra-se em discussões teóricas sobre a mulher negra escrava no século XIX, em que o objetivo fundamental é discutir sobre esta mulher africana escrava na sociedade racista patriarcal.

O segundo capítulo, intitulado “A poesia candoreira de Castro Alves”, trata de discussões reflexivas sobre a poesia social, libertária e denunciatória do poeta dos escravos, trazendo análises de algumas poesias para a compreensão do estilo e da escrita do autor abolicionista.

O terceiro capítulo, “A mulher negra escrava na poética de Castro Alves”, parte da análise dos dados, de acordo com os poemas selecionados, tratando das definições das mulheres a que o autor dá voz em seus escritos.

Nosso trabalho se fundamenta nas formulações teóricas sobre a escravidão no Brasil, com Cotrim (2005) e Freyre (2003), e da mulher escrava com Giacomini (2013), além de

considerações importantes sobre a poesia social e libertária da terceira fase romântica, representada especialmente por Castro Alves, com apoio nas formulações teóricas de Bosi (2013) Coutinho (2001) Candido (2004) e Moisés (2012), dentre outros.

Enfim, remete-nos a conhecer os caminhos que envolvem a mulher negra no Brasil, no século XIX, para que possamos desencadear reflexões que permitam pensar sobre a constituição dos diversos papéis sociais exercidos pelas negras escravas.

1 A MULHER ESCRAVA NO SÉCULO XIX: ENTRE OPRESSÕES E RESISTÊNCIAS

Tendo em vista que nosso trabalho cuida de analisar a imagem da mulher negra e escrava em poesias de Castro Alves, é importante que discutamos o contexto histórico em que esta mulher está inserida para, assim, entendermos toda a conjuntura da produção castroalvina e tenhamos base para compreender a imagem de mulher aqui pesquisada. Com estas considerações, este capítulo fará um apanhado sobre a condição da mulher negra escrava no século XIX, época em que produziu Castro Alves.

De acordo Cotrim (2005), durante o período de colonização, Portugal só veio efetivamente mandar pessoas para habitar aqui a partir de 1530, quando viu a necessidade de começar a tirar serventias das chamadas terras rochas, propícias para o plantio de cana de açúcar - produto cobiçado mundialmente. Porém, o comércio com o açúcar encontrou um estreito empecilho, a mão-de-obra indígena, pois além de ser uma mão-de-obra fraca para os moldes de requisitos portugueses, os jesuítas os protegiam. Dessa forma, os portugueses encontraram nos africanos a solução mais presumível para a colonização na América. Eis o início do tráfico negreiro, no qual vieram homens e mulheres oriundos da África em condições desumanas.

O mesmo autor afirma que os negros vêm para a América, principalmente para o Brasil, que é uma das sociedades escravocratas, por uma necessidade dos portugueses, com a mão-de-obra de trabalho. No entanto, o escravo não era importante apenas como mão-de-obra, o negócio de traficar escravos era extremamente valioso; em certos períodos da história brasileira, muitas riquezas foram geradas pelo comércio de escravos e não pela produção baseada neste tipo de trabalho.

A mulher negra de origem africana foi trazida para solo brasileiro para servir e trabalhar em uma sociedade capitalista, patriarcal e de brancos. Mattoso (1982) ressalta que a escravidão para as mulheres se destinava a afazeres pesados em toda a casa senhorial. Estas mulheres eram regidas de pesadas imposições, pois até a maternidade era, de certa forma, impedida pelos senhores e senhoras, porque se as negras engravidassem ficariam mais lentas para seus serviços rotineiros e isso geraria “prejuízos”.

No sistema capitalista, a norma gira em torno dos que têm poder, o dinheiro é o único bem que gera privilégios. A negra era uma grande mercadoria preciosa, a qual era empregada para diversos fins utilitários. Giacomini (2013, p.103) ressalta que “A negra é ‘coisa’, pau para toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava”. É neste

cenário capitalista e desigual que as mulheres africanas se inserem. Foram exoneradas da sensibilidade impregnada na figura da mulher, em razão unicamente da sua cor. De acordo com a mesma autora, essas foram heranças coloniais deixadas pela escravidão às mulheres negras.

As negras firmam-se como um produto essencial no Brasil colonial, entretanto foram desprovidas de alguns direitos consubstanciados na figura da mulher propriamente dita, por causa da sua condição escrava. Dessa forma, Giacomini (2013, p. 26) ressalva que “mesmo gestante ou amamentando as mulheres escravas negras, não foram dispensadas da enxada: duras fadigas impediam em algumas o regular desenvolvimento do feto, em outras minguava a secreção do leite”. Nestas condições cruéis, as negras eram privadas de terem seus próprios filhos, o que não acontecia com as mulheres brancas, que além de terem o período de gestação em total descanso, a gravidez nunca foi impedida. Giacomini (2013) observa, porém, que, na realidade, as escravas nunca deixaram de serem mães, pois lutaram e venceram os diversos impedimentos impostos pelos senhores coloniais, e também se configuraram como mães pretas de filhos paridos por brancas.

Giacomini (2013, p.19) ressalta que em “todas as classes de nossa sociedade a mulher é oprimida”. Não podemos, no entanto, esquecer que a intensidade e, sobretudo, a natureza dessa opressão são diferenciadas. A mulher branca em pleno século XIX sofria grandes preconceitos, perante a denominação de que a mulher deveria ser um ser condicionado ao homem, em vista do regime patriarcal, mas o grau de intensificação de tais discriminações não era equivalente aos sofridos pelas mulheres negras, pois estas estavam também a mercê das mulheres brancas. Para Caldwell (*apud* Gonzalez 1982, p.6) “as negras sofrem uma opressão tripla, vinda da dominação de raça, gênero e classe”. Dessa maneira, as mulheres escravas sofrem por serem negras, mulheres e pobres.

Na sociedade colonial brasileira, era dito que a negra corrompeu a vida sexual dos habitantes, iniciando precocemente o amor físico aos filhos dos senhores. Mas essa contrafação, intitulada pela sociedade, não foi geneticamente gerida pela negra, mas pela escrava, por essa peculiar condição de ser pertencente a outrem, condição essa que não se concretizou unicamente através da africana, realizou-se também por meio da escrava índia. (FREYRE, 2003, p. 398- 399).

Tais incumbências de mulheres vulgares foram atribuídas única e exclusivamente à escrava africana, como exclusiva “predadora sexual”, sem levar em consideração que a índia em período anteposto a chegada das africanas também o fizera. Observamos que o critério levado em conta era a condição de ambas serem escravas, de objeto pertencente a outro.

Porém, de acordo com Cotrim (2005), a escravidão sexual da índia foi diferenciada da negra. Os portugueses até que tentaram tal empreitada, mas os setores da igreja católica, principalmente a companhia de Jesus, impossibilitaram a continuidade tais atos sexuais, o que não aconteceu em relação à mulher negra.

Introduzidas as mulheres africanas no Brasil dentro dessas condições irregulares de vida sexual, a seu favor não se levantou nunca, como a favor das mulheres índias, a voz poderosa dos padres da companhia. De modo que por muito tempo as relações entre colonos e mulheres africanas foram a de franca lubricidade animal. Pura descarga de sentidos. Mas não que fosse às negras que trouxessem da África nos instintos, no sangue, na carne, maior violência sensual que as portuguesas ou as índias. (FREYRE, 2003, p. 516)

Os portugueses que vieram para o Brasil, para a empreitada colonizadora, não trouxeram sua família, ou seja, a suas esposas não vieram para cá, pelo fato de que o tipo de colonização não era de povoamento, mas sim extração de bens para metrópole. Chegando aqui os homens lusos, carentes do amor de suas esposas, encontraram mulheres com suas próprias culturas, primeiramente índias seminuas e depois africanas com corpos robustos, excitando impulsos sexuais, que desenvolveram através de contatos com outras sociedades em que prevalecia a luxúria sexual. Dessa forma, os instintos animais não vieram da África nem dos índios, mas sobretudo dos europeus, que viram e executaram o sexo como pura descarga de um prazer monótono, sem amor, apenas para cumprir suas necessidades de uma “turgescência” brutal.

Giacomini (1988) argumenta que a utilização da escrava como objeto sexual só se concretiza porque “recaem sobre ela, enquanto mulher, as determinações patriarcais da sociedade, que determinam e legitimam a dominação do homem sobre a mulher” (p. 62). A mulher branca, na qualidade de esposa, pode abrandar a dominação em algumas situações, sustentando o seu papel secular de mãe e esposa, mas “A mulher negra escrava estava intrinsecamente ligada aos desejos sexuais dos senhores da sociedade patriarcal, na medida em que o sexo fazia parte da superioridade patriarcal” (p. 62).

Caldwelle (2000, p.13) nota que “enquanto as brancas eram designadas para o reino de sexualidade legítima e honradas nos papéis de esposas e mães, as mulheres africanas escravizadas, eram associadas a práticas sexuais ilegítimas e desonrosas”.

O interesse da procriação era designado à mulher branca, enquanto para satisfazerem caprichos sensuais dos senhores, a negra escrava servia. Não era, dessa forma a negra, portanto, o libertino: mas a escrava a serviço de interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores. Não era a “raça inferior” a fonte de corrupção, mas o abuso de uma raça por outra (FREYRE, 2003, p.402).

As mulheres africanas, administradas sob a sua condição de coisa e objeto pertencente a outrem, e que estava à mercê de todo um sistema impiedoso, no qual se fez em nosso Brasil, encontrava-se submetida ao regime patriarcal e escravocrata. Os portugueses, através do seu espírito navegador, entraram em contato com diversos países de vida voluptuosas do oriente, e “desenvolveram todas as formas de luxúrias” (FREYRE, 2003, p.405), trazendo para terras brasileiras todos esses costumes libertinos e perversos e os aplicando às mulheres de raças inferiores, de acordo com o regime do patriarcalismo.

A escrava além do trabalho deveria ainda oferecer o corpo tanto como ama de leite ou como amante, pois a negra é coisa, pau para toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque além de escrava é mulher. Evidentemente essa maneira de viver a chamada ‘condição feminina’ não se dá fora da condição de classe [...] e mesmo de cor. Pois a ‘apropriação do conjunto das potencialidades dos escravos pelos senhores compreende, no caso da escrava, a exploração sexual de seu corpo que não lhe pertence pela própria lógica da escravidão’ (GIACOMINI, 1982, p. 60).

A escrava entra como uma mola de escape na sociedade escravocrata brasileira, servindo para diversos fins utilitários, nos quais consubstancia sua integridade como mulher, utilizada para toda obra que vai de embate com afazeres domésticos até serviços mais aguçados. Eram realmente elas quem trabalhavam nas casas grandes, cozinhavam, lavavam e serviam de mãe de leite para os filhos das senhoras, e ainda convinhavam como objeto sexual dos senhores.

De acordo com Giacomini, (2013, p.87) “as relações entre senhora e escrava estiveram interrompidas e foram, em grande parte, resultantes dos papéis sociais e sexuais que a sociedade patriarcal reservou a uma e a outra”. A mulher branca era tida como um ideal de pureza e sensibilidade, a mulher negra era vista como coisa que tudo podia fazer. Isso comunga com a ideia de Scott (1989, p.26), para quem a “diferença sexual tem sido concebida em termos de dominação e de controle das mulheres”.

Giacomini (1988) salienta que a sexualidade da escrava parece algo normal aos olhos da sociedade, enquanto as regras de ideais e de morais são reservadas apenas às mulheres brancas e estas têm o estereótipo de mulheres perfeitas. Dessa maneira, as mulheres escravas tornam-se objetos sexuais do senhor branco, ao mesmo tempo em que lhe é negada a possibilidade de relações familiares mais aguçadas.

As mulheres brancas também tinham desejos sexuais, não era só a escrava negra que tinha, mas foi negra vulgarizada pela sociedade. E muitas dessas impregnações de imagens de sexualidade às negras, impossibilitou o descobrimento de atos ilícitos das brancas pela sociedade. Freyre em a obra “Casa Grande Senzala” denuncia o contato extraconjugal de uma senhora branca com um viajante.

Pyrard (um viajante) diz que passando um dia pelas ruas de Salvador, todo gabola, vestido de seda, ar de fidalgo, aproximou-se dele uma negra. Pediu-lhe que a acompanhasse: havia um senhor muito desejoso de lhe falar. Seguiu-a, através de vielas e de ruas tronchas, feias, até que se viu, como um conto de mil e uma noites, em uma casa muito bonita. Um verdadeiro palácio. Em vez de senhor, quem lhe apareceu foi uma jovem dama. A jovem não se limitou a dispensar o viajante grandes carinhos; ainda deu-lhe de presente um chapéu. (FREYRE, 2003 p. 513.)

A mulher branca também tinha relações sexuais que contrariavam a sua própria condição de mulher “perfeita”, esposa e mãe, mas que aos olhos da sociedade eram embutidos, enquanto a mulher negra era vista sob sua condição de escrava subordinada aos desejos dos senhores. As vontades libidinosas da negra encobriam, de certa forma, as da mulher branca, que tinham sua classe social superior e eram vistas como ideal de pureza: “Muita dessa castidade da senhora manteve-se à custa da prostituição da escrava negra”. (FREYRE, 2003, p.539).

Esta característica da sociedade patriarcal brasileira considera a mulher negra mais atraente, vendo-a com mais desejo, em analogia às mulheres louras, desencadeou uma hostilidade da mulher branca em relação à negra (GIACOMINI *apud* GOULART, 2013, p .93):

Ressalta um caso de uma mulher que tendo o esposo elogiado os olhos de uma escrava, mandou arrancá-los a ponta de uma faca para, ao jantar, oferecê-los ao marido, em bandeja de prata, dizendo com o mais cândido sorriso nos lábios: “como elogiaste-os, mandei arrancá-los para presentear-te.

As mulheres brancas fizeram uma oposição cruel às negras e se vingavam destas como se a culpa da atração sexual que os senhores tinham pelas escravas fosse das mesmas. Para as esposas dos senhores, tais atos eram apenas culpa das negras. Eram elas quem provocava seus maridos para os desejos sexuais. Dessa forma, para as esposas os seus maridos nunca eram culpados, eles eram atraídos pelos atributos físicos das mulheres negras, fato este que justifica atrocidades cometidas pelas brancas nos corpos das negras.

Freyre faz referência às mulheres que “espatifavam o salto de botina em dentaduras de escravas; ou mandava-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas” (2003, p.337). Os pontos corporais atingidos, através das mutilações feitas pelas senhoras às escravas, consistiam sempre em acertar os locais mais atraentes, nos quais ficassem para sempre as sequelas que evidenciassem a crueldade, o ciúme, a inimizade e a frieza das brancas ciumentas e vingativas.

A ideologia corrente que associa a negra ao prazer sexual do branco, identificando em seu corpo o agente do estupro institucionalizado, fez recair também sobre a escrava, como se não bastasse a objetificação sexual, inconfessáveis sentimentos de inveja das senhoras. As mutilações, extirpações, deformações e outras atrocidades praticadas por senhoras no corpo das negras, das quais abundam exemplos na literatura da época, privilegiaram, não por acaso, as regiões corporais comumente identificadas a seu poder de sedução: Nádegas, dentes, orelhas, facas. (GIACOMINI, 2013, p. 93)

Esse fato de algumas mutilações feitas à negra, por mando da mulher branca e por ela mesma, também se deve ao fato da genética da mulher preta, pois, atenta Freyre (2003, p. 530), “Parece que as negras não ficam velhas tão depressa, nos trópicos, como as brancas”. O autor ainda diz que, no século XIX, notara em Pernambuco, um observador Holandês, que as mulheres louras, ainda moças, perdiam os dentes e, pelo costume de estarem sempre sentadas, no meio das mucamas e negras que lhes faziam as menores coisas, andavam “como se estivesse cadeias nas pernas” (FREYRE 2003, p. 431).

As brancas envelheciam mais rápido em relação à negra, que tem a pele mais resistente, porque essa velhice da mulher alva dá-se também pelo fato de casarem sempre cedo, fato esse que Freyre ressalva:

[...] meninas de treze ou quatorze anos casadas com velhos de trinta, quarenta e até setenta anos. Após pouco tempo de terem selado o matrimônio, as meninas já ficavam matronas, atingiam a completa

maturidade. Depois dos vinte sempre entravam em decadências, pelo fato de já terem passado por várias gestações. Ficando gordas e moles e criavam papadas. Tornavam-se pálidas. (2003, p. 431)

O casamento sempre cedo das mulheres louras com homens mais velhos está associado ao fato da viuvez frequente dos homens, pois muitas mulheres morriam logo após o seu casamento, fazendo com que estes homens fossem em busca de um novo casamento.

Um fato triste é que muitas noivas de quinze anos morriam logo depois de casadas. Meninas. Quase como no dia da primeira comunhão. Sem se arredondarem em matronas obesas; sem criarem buço; sem murcharem em velhinhas de trinta ou quarenta anos. Morriam de parto - vãs todas as promessas e rogos a nossa senhora da Graça ou do bom parto. Sem tempo de criarem nem o primeiro filho. Sem provarem o gosto de ninar uma criança de verdade em vez dos bebês de pano, feitos pelas negras, de restos de vestidos, ficavam então os meninos para as mucamas criarem. (FREYRE p. 432-433, grifos nossos).

Esses episódios da morte prematura das mulheres brancas aconteciam pelo fato dos sucessivos partos. As mulheres claras, na sua grande maioria, tinham muitos filhos, não possibilitando, em alguns casos, a recuperação devida do ventre para o seguinte filho, ocasionando morte antecipada. Também existiam casos em que muitas das moças recém-casadas eram tão novas e tão fracas para as atividades de amamentação dos filhos paridos que, quando resistiam ao parto, não tinham condições suficientes para amamentarem as suas crias, muitas faltavam leite no próprio peito e outras, quando tinham, era insuficiente, sendo chamado de leite “fraco”, não tendo sustância necessária para alimentação adequada dos filhos.

O que houve, entre nós, foi impossibilidade física das mães de atenderem esse primeiro dever de maternidade. Já vimos que se casavam todas antes do tempo; algumas fisicamente incapazes de ser mãe em toda a plenitude. Casadas, sucediam-se nelas os partos. Um filho atrás do outro. Um doloroso e contínuo esforço de multiplicação. Filho muitas vezes nascidos mortos – anjos que iam logo se enterrar em caixõezinhos azuis. Outros que se salvavam da morte por milagre. Mas todos deixando as mães uns mulambos de gente. (FREYRE, 2003, p. 443)

Sendo assim, entendemos que houve disparidades entre mulheres portuguesas e brasileiras oriundas de Portugal e as do Brasil, porque enquanto para as lusas eram permitidos caprichos, sinônimo de riqueza, e a conservação do corpo perfeito, para as frágeis brasileiras, que foram muitas das vezes obrigadas pelos seus pais a casarem com velhotes, era uma necessidade anatômica dos seus próprios corpos, que na grande maioria não estavam preparados para tais serviços físicos.

A negra se torna ama de leite do menino branco, devido às fraquezas das louras, pois as negras têm um leite altamente nutritivo se comparada às louras. Devido a sua condição de ama-de-leite, que sacia a fome dos meninos brancos, a negra tinha um contato mais constante com os espaços familiares dos senhores. Sobre esse fato Giacomine (2013, p.51) nota que a “ama de leite, é apontada como um elemento corruptor da família dominante”. Por causa exatamente desse contato diferenciado, o qual poderia acarretar algumas influências na vida dos menininhos, Giacomine (2013) ressalva que todas as cantigas de ninar cantadas para os filhos dos senhores eram de origem africana, provocando a fúria dos senhores que não queriam os seus filhos com contato com a cultura negra.

Esse contato de ama-de-leite com os filhos dos senhores fez surgir alguns costumes de respeito do menino para com a negra, fato esse que Freyre (2003, p. 435) observa quando diz que os “meninos tomavam-lhe a benção”. Dessa forma, as vidas desses meninos, mesmo sem o gosto dos senhores e senhoras foram, altamente influenciadas pelas negras.

A imagem de mulher sensual provocante que conferiu a figura da negra, como “predadora de homens”, ainda lhe atribuiu outra característica: a de contaminadora de doenças sexualmente transmissíveis, sobretudo, a sífilis. Sobre isso Freyre (2003, p. 399-400) adverte:

Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens, ainda moleques de doze ou trezes anos, a rapazes brancos já podres da sífilis das cidades. Porque por muito tempo dominou no Brasil a crença de que para o sífilítico não há melhor depurativo de que uma negrinha virgem.

O autor ainda salienta que, “muita mãe-negra tenha sido contaminada pelo menino de peito, alastrando-se também por esse meio, da casa-grande à senzala, a mancha da sífilis” (2003, p.317). Notamos que as negras não eram transmissoras essencialistas dessas doenças, mas que isso lhe foi imputado como “culpa” ou “responsabilidade” das mazelas que comprometiam a saúde das pessoas e afligiam a sociedade. Observamos ainda que os senhores, por meio dos constantes contatos sexuais com várias negras, eram quem alastrava

tais males que circulavam da casa grande à senzala. Não importava se a negra seria sifilizada por amamentar um filho do senhor ou se fosse contaminada pelo oportuno senhor. Para a sociedade capitalista patriarcal a negra era sempre a culpada, a contaminadora dos brancos.

Outro aspecto, que merece destaque é o fato dos rapazes começarem muito cedo a sua vida sexual, proliferando a temida sífilis para as negras:

As primeiras vítimas filhos dos senhores eram os moleques e os animais domésticos; mais tarde é que vinha o grande atoleiro de carne: a negra ou a mulata. Nele é que se perdeu, como em areia gulosa, muita adolescência insaciável. (FREYRE, 2003, p. 455).

Sendo assim, não eram as negras que iam se oferecer aos adolescentes louros, eram os meninos que foram criados pelos senhores para serem “garanhões” (FREYRE, 2003, p.461). “Foram os corpos das negras - às vezes meninas de dez anos - que constituíram, na arquitetura moral do patriarcalismo brasileiro, o bloco formidável que defendeu os ataques e afoitezas dos “don-juans” a virtude das senhoras brancas” (idem, 2003, p.538). As mulheres negras, desse modo, constituíram uma mola de escape para a mulher branca: enquanto a primeira foi abusada, a segunda foi poupada em razão das violações constituírem integralmente o espaço da primeira, conservando assim a segunda.

As várias faces que as negras assumiram obrigatoriamente no período colonial as tornaram uma mercadoria de grande eficácia e valor para os grandes senhores capitalistas do Brasil escravocrata, “uma fonte de renda” (GIACOMINI, 2013, p.58). Dessa forma, os jornais do século XIX estampavam em suas seções de anúncios as compras, vendas e alugueis de escravas, constituindo um dos assuntos mais importantes na cláusula informativa das Folhas: a negra enquanto mercadoria leiteira. Questões como essas mostram que em “alguns casos ficam evidentes a negação da maternidade da escrava”. (GIACOMINI, 2013. p. 53).

Para maior compreensão da negra como objeto de mercadoria leiteira no sistema capitalista de escravidão, se faz necessário analisarmos alguns anúncios de jornais brasileiros que circulavam no século XIX na sociedade brasileira.

(Diário do Rio de Janeiro, 04/07/1850)

Vende-se uma rapariga preta de nação, com bastante leite e de primeira barriga, sem cria, mui vistosa e rapariga.

Observamos, pelo anúncio, que a condição de mãe dos seus próprios filhos foi negada no sistema capitalista do Brasil em que a escrava era tratada como mercadoria “leiteira”, que poderia ser vendida ou alugada, de acordo com a necessidade do seu comprador, o qual levava em consideração predicados descritos nos jornais. Ou seja, a possibilidade de mãe na condição de “escrava” foi impedida pelos senhores por gerar prejuízos, todavia a mãe preta ama de leite foi concebida, porque gerava lucros para os senhores.

(Diário do Rio de Janeiro, 29/07/1870)

Vende-se ou aluga-se uma ama com muito bom leite, parida há dous mezes, tem 18 annos de idade, vende-se com cria ou sem ella.

Já neste anúncio, compreendemos que a inclusão ou exclusão da “cria” da escrava ficava a escolha do comprador ou alugador, mas o preço da “mercadoria escrava leiteira” variava em relação ao acompanhamento ou não do filho. Se o adquiridor aceitasse o filho da escrava, ela se tornaria uma mercadoria de custo mais baixo, gerando prejuízos para quem vende e, de certa maneira, para quem adquiriu, haja vista que, levando seu filho, a escrava teria de dividir o leite entre ele e o filho do comprador.

Para Giacomini (2013, p. 55), a venda ou aluguel junto com o filho acarretaria prejuízos para o senhor detentor da escrava. A possibilidade de ama e filho viverem sob o mesmo teto parece ter estado intimamente ligada ao destino reservado à “mercadoria-escrava-leiteira”.

Giacomini (2013) entende que quando se trata de relações familiares, na constituição de uma família negra africana, compreende-se única e exclusivamente a relação mulher escrava e seus filhos, pois as relações entre pai e filhos negros ou entre irmãos escravos não são mencionados. A autora ainda diz que “A questão de paternidade é absolutamente inexistente; é o ventre materno que designa a condição e seus frutos” (2003, p.32). Entendemos que na composição de família propriamente dita, a mulher escrava de origem africana teve o papel central, exercendo funções duplas no período colonial.

A questão de paternidade é absolutamente inexistente, é o ventre materno que designa a condição e seus frutos.

Ela ao menos se faz presente em algumas referencias, ao passo que as relações entre pai e filho e entre irmão escravos não são sequer mencionadas. A questão de paternidade é absolutamente inexistente; é o ventre materno que designa a condição e seus frutos. (GIACOMINI, 2013, p. 32).

Sendo assim, o ventre da mulher negra designava a função exclusiva de reprodutora das gerações precedentes da procriação da família africana.

De acordo com Freyre (2003, p. 404), para fins amorosos, reuniram-se, no Brasil, as duas correntes místicas: a portuguesa, de um lado, a africana ou a ameríndia do outro. “Aquela representada pelo pai ou pelo pai e mãe brancos; esta, pela mãe índia ou negra pela ama-de-leite, pela mãe de criação, pela mãe-preta, pela escrava africana”.

De acordo com mesma autora, na constituição da família, a palavra “mãe” refere-se exclusivamente a uma relação entre mulher branca e seus filhos. Quando a escrava é mãe, ela é “mãe preta”, ou seja, a ama de leite da criança branca. Percebe-se ainda que a designação de mãe não se estuara na constituição das mães pretas e de seus filhos “paridos”, só se fixa na condição de mãe preta de filhos louros.

Ao designar à negra escrava a condição de coisa, de objeto pertencente ao outro que era o seu senhor, a sociedade do século XIX constituiu em torno da mulher negra uma indiferença exorbitante, que se dá através de relações de classe existentes. Essa imagem de ser indiferente se dá numa perspectiva limitada, sendo incapaz a negra de reverter a sua posição de subordinada e inferior que os colonizadores lhes atribuíram.

Como neste trabalho faremos uma análise sobre a figura da mulher negra na poesia de Castro Alves, se faz de necessário que discutamos um pouco sobre a poesia do autor em seu caráter abolicionista e isso será estudado no capítulo seguinte.

2 A POESIA CONDOREIRA DE CASTRO ALVES

*O ferro da marca do feitor
Carregamos na mão
feito lança
as esperanças
o que virá.
(ALVES, 1985, p. 30)*

O movimento literário romântico germinou no Brasil no século XIX em meio a profundas e significativas mudanças sociais, que objetivavam, em sua conjuntura, a busca de

uma nova fisionomia para o país recém-independente. Tais alterações no panorama nacional acaloraram a procura por uma identidade original na literatura, a qual resplandecesse realmente as características próprias e singulares de escritos notavelmente brasileiros e contemplando verdadeiramente o semblante da pátria Brasil.

Segundo Citelli (1990), era preciso configurar o rosto da nova nação, definindo seus próprios objetivos. Ao grito do Ipiranga era necessário fazer corresponder os gritos da independência de outros segmentos da vida nacional. Eis o início de uma nova produção literária.

Um elemento importante nos anos entre 1820 e 1830 foi o desejo de autonomia literária, tornada viva depois da Independência. Então, o Romantismo apareceu aos poucos como caminho favorável à expressão própria da nação recém-fundada, pois fornecia concepções e modelos que permitiam afirmar o particularismo e, portanto, a identidade, em oposição à Metrópole, identificada com a tradição clássica. (CANDIDO 2004, p. 19).

Era a busca por uma literatura própria, a qual pudesse exercer realmente a autonomia literária do Brasil em relação à antiga metrópole, haja vista que mesmo após a independência política do Brasil em 1822, os escritores brasileiros tendiam a serem influenciados pelo pensamento europeu, principalmente pelos lusitanos, e acabavam reproduzindo os modelos do velho mundo. Dessa forma, os intelectuais românticos brasileiros buscavam uma independência cultural-literária.

Este movimento literário desmembrou-se em três momentos distintos: primeira geração, conhecida como nacionalista ou indianista; segunda geração conhecida como Mal do século; e terceira geração, conhecida como Condoreira, na qual nos deteremos por ser a geração de Castro Alves, que abriu um olhar mais saliente para a literatura social e libertária, como caracteriza essa fase romântica.

Moises (1968) acredita “que este é o grande momento literário que desperta ideias inovadoras de liberdade de expressão dos sentimentos, em que os escritores deixam os velhos costumes”. É como se fosse o acordar de um novo projeto que contesta o arcaico e a idealização apregoada pelas duas primeiras fases: “Era buscar a identidade perdida na imitação dos padrões europeus que ainda consistiam nas primeiras manifestações românticas”. (idem, 2012, p. 607).

Segundo Bosi (2003, p.56), “a terceira geração da poesia romântica foi caracterizada por versos libertários e sociais que refletiam as questões que envolviam o Brasil império”. É justamente na terceira fase do Romantismo brasileiro que Castro Alves esboça sua maior forma de expressão poética. “O poeta dos escravos”, como assim ficou conhecido

mundialmente, tendo por fonte de inspiração Victor Hugo, foi um dos mais engajados poetas da literatura brasileira. Nordestino apegado a terra, buscou nos seus escritos um estilo próprio e peculiar, o qual fez de sua poesia a mais viva manifestação artística político-social e cultural do seu tempo.

Castro Alves se tornou o poeta por excelência do escravo ao lhe dar, não só um brado de revolta, mas uma atmosfera de dignidade lírica, em que os seus sentimentos podiam encontrar amparo; ao garantir à sua dor, ao seu amor, a categoria reservada aos do branco, ou do índio literário. (CANDIDO, 2013, p. 592)

Castro Alves em sua poesia dá voz aos escravos, trazendo à literatura toda a revolta que o escravo não podia ter em suas senzalas ou na sociedade do século XIX, e esta voz dada ao negro o dignificou como ser humano. Dessa forma, Castro conferiu voz ao escravo, quebrando o silenciamento imposto pela sociedade colonial e também, de certa forma, por outros escritores brasileiros que não confiaram o vozear dos negros escravos dentro dos seus escritos.

De acordo com Bosi (2003, p. 123), a obra de “Castro Alves torna-se um marco introdutor de uma poesia, com a função de ser um instrumento de reforma social na literatura brasileira” declarando o seu caráter abolicionista e sua consciência social e cultural no que se refere à igualdade de direitos humanos dos escravos em relação aos brancos. Alves, em suas manifestações, impregnadas de caráter de denúncias sociais, procurou ser o poeta porta-voz dos oprimidos em uma sociedade capitalista, na qual a importância das pessoas era medida pelo o dinheiro e, conseqüentemente, pelo poder.

Se antes os escritores brasileiros encontravam nos brancos ou nos indígenas suas fontes inspiradoras para a produção de suas obras, Castro Alves inovou, pois descobriu sua inspiração poética nos escravos negros, nos menos vistos pelos escritores e sociedade brasileira, ou até mesmo pelos jesuítas que defendiam os índios e não os escravos. Castro Alves permitiu, por meio da sua poesia, revelações denunciadoras de diversas atrocidades cometidas por portugueses, brasileiros e também africanos, pois estes possibilitaram, através de negociações internas e externas a transportação de negros africanos. Haja vista que o negócio de traficar gerava múltiplos e abundantes lucros para os dois países.

Dessa forma, vejamos um trecho do poema “Navio Negreiro”, que descreve acerca dos horrores e castigos que ocorriam durante as longas viagens, nos navios tumbeiros que transportavam escravos em condições totalmente desumanas.

Era um sonho dantesco... o tombadilho,
 Que das luzernas avermelha o brilho,
 Em sangue a se banhar.
 Tinir de ferros... estalar do açoite...
 Legiões de homens negros como a noite,
 Horrendos a dançar...
 Negras mulheres, suspendendo às tetas
 Magras crianças, cujas bocas pretas
 Rega o sangue das mães:
 Outras, moças... mas nuas, espantadas,
 No turbilhão de espectros arrastadas,
 Em ânsia e mágoa vãs.
 E ri-se a orquestra, irônica, estridente...
 E da ronda fantástica a serpente
 Faz doudas espirais...
 Se o velho arqueja... se no chão resvala,
 Ouvem-se gritos... o chicote estala.
 E voam mais e mais...
 Presa dos elos de uma só cadeia,
 A multidão faminta cambaleia
 E chora e dança ali!
 (ALVES. 1921, p.96-97)

As imagens dos versos acima nos mostram o desespero, a dor e o sofrimento que passava o negro no transcorrer dessas viagens. Nos versos, o autor descreve as “negras mulheres”, famintas, sem ter o que dar aos seus filhos, não há mais leite para alimentar as “magras crianças”, apenas sangue e, ao falar em tetas, as comparam a animais. Ao descrever as moças nuas, transmitem as suas faltas de proteções, surradas, abusadas em meio à multidão de negros magros e famintos, que agonizavam e clamavam a sua morte. As cenas, transformadas em canto pelo autor, é de uma grande crueldade. E a tragédia só chega ao fim quando a multidão negra e faminta, que sofre sem cessar, geme de dor, chora e delira, e, enfraquecida, enlouquece ou morre e é jogada, morta ao mar ou ainda viva se joga por causa de tanto sofrimento.

Na poesia de Castro Alves, o negro ganha um espaço privilegiado. Conforme Candido (2013, p. 583), “Da mesma maneira que Gonçalves Dias era para o Índio, ele [Castro Alves] ficou sendo o cantor do negro escravo”. Dessa forma, seus escritos eram uma forma de expressão das mazelas sofridas pelos negros.

Moisés (2012, p. 605) observa que “A poesia deve ser arauto de liberdade” e, deste modo, os escritos castroalvins refletem exatamente esta ideia, pois Castro não era apenas um escritor que colocava seus pensamentos no papel, ele foi muito além, utilizando-se de recursos

que notadamente expressavam o descontentamento com a realidade sofrida pelas pessoas desprovidas de direitos perante a sociedade. Castro Alves foi “Porta-voz da massa silenciosa e oprimida ou injustiçada” (idem, p.605). Esse fato pode ser observado no fragmento do poema “Vozes da África”.

Deus! Ó Deus! Onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...
(ALVES, 1921 p. 108)

Notemos que o eu poético busca a Deus através de vários pedidos exclamatórios de socorro, fazendo uma súplica expressiva à presença divina e procurando compreender o porquê de tantas dores e sofrimentos, mas Deus não responde. O autor dá voz a um eu-lírico que clama por um grito de liberdade em seus versos, nos quais procura levar o mundo a refletir e despertar para uma consciência de igualdade e justiça.

Percebemos que o “poeta humanitário”, como assim conferiu Moisés (2012), utiliza-se de uma linguagem apelativa, através da qual mostra o sofrimento dessas pessoas, que foram trazidas do continente africano por um sistema de comércio altamente lucrativo, o tráfico negreiro. Contudo, essa amostragem da realidade, através de poesias, não foi feita apenas para que as pessoas conhecessem tais consternações, porque na prática elas reconheciam, porém com o objetivo que as mesmas enxergassem os negros como seres humanos iguais. Seria, então, uma espécie de acusações das calamidades sofridas pelos os negros.

Candido (2012, p. 584) argumenta que Castro Alves desenvolveu “uma visão larga e humana do escravo, que não é para ele apenas caso imediato a ser solucionado, mas símbolo de uma problemática permanente”. Dessa forma, Castro não era imediatista em seus escritos denunciatórios, ele não queria apenas uma solução imediata para o problema do escravo, mas queria mostrar o trabalho escravo e o tratamento dado ao escravo como um problema social constante.

De acordo com Moisés (2012) os escritos poéticos de Castro Alves dividiam-se em duas vertentes temáticas: uma extremamente social, abordando a questão iminente do negro escravo na sociedade brasileira; e outra amorosa, sendo o poeta dos escravos também “um poeta do amor”. Embora as obras produzidas pelo autor na abordagem amorosa contenham ainda alguns resquícios de amor platônico e de idealização da mulher amada, foi uma figura

poética que, neste campo, também concebeu avanços significativos pelo fato de ter pensado e falado o amor carnal de homem e mulher.

Moisés (2012, p.622) ressalta em relação à temática amorosa de Castro Alves:

O afeto amoroso, antes depressivo, de fundo suicida, como se o desencontro entre os sexos tivesse de ser lavado em sangue ou ensombrado pelas asas da loucura, torna-se extrovertido, expansivo, e o poeta se mostra senhor de si, travando com a mulher um diálogo em que a diferença conta por sobre as semelhanças, que teimam em permanecer, obedientes à lei da inércia ou das conveniências.

Percebemos que o amor à mulher, na poesia castroalvina, recebe uma nova construção quando comparada com o tratamento dado por outros autores, até mesmo da própria corrente literária em que o escritor está inserido. A mulher em Castro Alves não é apenas vista como ideal de perfeição cristalina, mas como uma mulher “fêmea” real e sujeita aos aspectos carnis, aos quais qualquer ser humano está subordinado. Recebendo o amor, assim, uma ressignificação, se antes era tratado exclusivamente como “amor platônico”, em Alves o amor recebe uma nova conotação, sendo inteiramente expressos os desejos carnis e a sexualidade da mulher e, por conseguinte, a atração eminente desta. Tais fatos podem ser observados na poesia “Marieta” prescrita abaixo:

Como o gênio da noite, que desata
o véu de rendas sobre a espada nua,
ela solta os cabelos... bate a lua
nas alvas dobras de um lençol de prata.

O seio virginal que a mão recata,
em balde o prende a mão... cresce, flutua...
Sonha a moça ao relento... Além na rua
preludia um violão na serenata.

Furtivos passos morrem no lajedo...
Resvala a escada do balcão discreta...
matam lábios os beijos em segredo...

Afoga-me os suspiros, Marieta!
Oh surpresa! Oh! Palor! Oh! Pranto! Oh! Medo!
Ai! Noites de Romeu e Julieta!...
(ALVES, 1921, p. 96-97)

Através da poesia compreendemos que a mulher recebe um amor diferenciado, no qual contempla mais aspectos carnis e sensuais, revestido de maior realidade, ou seja, a mulher

não é tratada como ideal de pureza e sensibilidade. O amor impregnado nela não é mais totalmente inocente, ela agora é legítima e se entrega aos desejos do amor.

Bosi (2003, p.120-121) afirma que a “poesia social de Castro Alves apresenta uma nova imagem sobre a mulher, considerada como aquela que está próxima da figura sensual, sendo que a maioria dos poetas românticos via a mulher como idealizada“, conceito mais propício para as mulheres brancas.

Fica aqui registrada e brevemente discutida esta face lírico-amorosa do poeta, no entanto, é imprescindível ressaltar que este estudo continuará situado na vertente poética social e libertária do autor. Prosseguimos, a partir de agora, nesta linha de pensamento.

Moisés (2012, p. 603) ressalta que “o ‘eu’ individual, na poética de Castro, transborda em emoção coletiva, ou encontra no ‘outro’ essa coletividade”. De tal forma, as inspirações de Castro Alves usavam-se de um “eu” refletido e socializado com o outro, o oprimido, expressando assim as indignações das populações mais rebaixadas perante os olhos da sociedade burguesa. Logo, seus escritos pautavam-se em uma interatividade constante com o outro-diferente, já que era negro. Moisés (1968, p. 32) acrescenta que a poesia de Alves seria a comunicação e a expressão do “eu”, envolvendo a situação.

Em “Vozes d’ África”, o melhor da poesia social de Castro Alves, porque se trata de um quadro imaginário, embora verossímil: e porque imaginário, longe das vistas do poeta, permite o voo do condor, também lhe faculta a expansão do “eu”; o poeta parece falar mais de si, em seu próprio nome, do que da coletividade anônima; a calamidade pública assume tom subjetivo, não o discurso dos poemas calcados na realidade direta, conhecida ou observada pelo poeta. Em suma: a voz interior põe-se à frente da denúncia, sem prejuízos desta, e o resultado é esteticamente superior. (MOISÉS, 2012, p. 613).

A voz de castro Alves na poesia não era somente denúncia das calamidades sofridas pelos negros escravizados, mas ia muito além disso. Castro não era um poeta imediatista nas suas manifestações escritas, ele via a questão dos escravos muito além de uma busca de solução, mas um problema presente e constante.

É como se tivesse existido um tipo de literatura antes de Castro e após ele, haja vista que o poeta humanitário não fazia da literatura apenas um artefato exposicional de sentimentos e emoções do eu-lírico, ele ia mais além, objetivando a procura contínua e reflexiva de diretos, na vivência do eu com o outro, que na sua ótica, como ser humano e poeta, não deveria elevar ou rebaixar alguém.

Ainda para Moisés (2012, p. 607), na poesia de Castro Alves “o interlocutor deixa de ser mulher ou ‘tu’ virtual”. Os assuntos, antes tratados com o amor pátria, agora ganham uma nova roupagem, revestida de veracidade, o “tu” não expositivo é compartilhado e interativo com o outro, que na sua grande maioria é explorado, deslocado e que procura sua identidade constantemente em “terras de alheias”. Essa busca de explicações e localizações em “solos de outros”, se faz presente no fragmento do poema “Navio Negroiro”.

Meu Deus ! Meu Deus ! mas que bandeira é esta
 Que impudente na gávea tripudia ?
 [...]
 Auriverde pendão da minha terra
 Que a brisa do Brasil beija e balança
 (ALVES, 1921, p.100)

Donde vem?... Onde vai?... Das naus errantes
 Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
 (ALVES, 1921. p. 93)

Observamos nestes fragmentos os clamores e gritos de liberdade que procuram levar ao mundo a percepção de que os negros foram arrancados brutalmente de seus países e taxados como escravos servidores. Cotrim (2005) destaca isso ao relatar que muitos negros se jogavam ao mar antes mesmo de chegarem ao Brasil, outros morriam de zambo e outros resolviam atirar-se com toda a família ao grande mar.

O intuito dos poemas de Castro é, também, despertar realmente a reflexão da consciência de igualdade e justiça da sociedade brasileira para com os negros africanos, que se constituíram como seres humanos brasileiros ao se relacionarem aqui, no Brasil, e comporem famílias fazendo parte integrante de toda história do país enquanto povo e nação.

Outro aspecto que se faz presente nas poesias de Castro é o uso da primeira pessoa para falar dos “escravos”. Bosi (1992, p.254) confirma que, ao falar do negro, Castro Alves se coloca em primeira pessoa dando um passo adiante no tratamento de um tema que, pela sua posição em nosso drama social, tendia a ser elaborado como a voz do outro. Fato que observamos em fragmentos da poesia “Lirismo”.

Esperai! Esperai! deixai que eu beba
 Esta selvagem, livre poesia...
 Orquestra — é o mar que ruge pela proa,
 E o vento que nas cordas assobia...
 (ALVES, 1921, p.93).

Dessa maneira, podemos notar o grande teor revolucionário no “poeta da raça”, como caracteriza Moisés (2012, p. 607), pois os aspectos, antes esquecidos pelos escritores da literatura brasileira ou escondidos em temas que camuflavam, na sua grande maioria, a realidade e que bebiam exorbitantemente nas fontes europeias, escapavam à sua própria personalidade. Este autor ainda lembra que “Sem perder a originalidade e força, ao fazê-lo Castro Alves empregava impulso de um ‘eu’ à procura de epicentro”, que esse tinha seu ponto de partida através do negro escravo. (p. 116).

De acordo com Bosi (1994, p. 120), a partir das “inovações de Castro Alves, a poesia deixa de ser apenas lamento e contradições silenciosas, e passa a clamar de maneira muito mais forte, pela igualdade social”. As modificações sofridas nos escritos literários no Brasil, após a poesia de Castro Alves, transformaram consideravelmente o cenário nacional dos registros literários, haja vista que em seus poemas incorporou uma escrita com uma marca muito emblemática, que era o lamento sentimental, carregado de protestos políticos e reivindicações sociais. Castro Alves, em seu tempo, estava sempre na batalha junto com os oprimidos e deslocados.

“Arauto das multidões”, Castro Alves o foi porque buscava o recesso da sua interioridade ao tratar do escravo, não porque exclamasse, demagogicamente, a retórica do momento: o escravo era-lhe avatar, irmão de cor, pois nele encontrava a expressão do drama subterrâneo que forcejava por exprimir; o cativo, além de sofredor, injustiçado, corporificava a projeção do “eu” do poeta. Agora, a tensão dialética resolve-se numa unidade anímica, numa espécie de transferência; entre o escravo, ou antes, aquilo que no escravo é sinônimo de ser humano e a intimidade do poeta se estabelece identidade dramática: o poeta fala pelo escravo, dado que fala por si; o escravo é o ente que recebe a carga da sua intimidade representada, como se o poeta se dividisse em dois, o “eu” que o habita e o que se concretiza no escravo. (MOISÉS 2012, p. 612)

Castro Alves quando fala do escravo fala de si mesmo, é como esse “eu” do poeta se dividisse entre o próprio poeta e o escravo, sendo ambos aprisionados, o escravo pelo sistema de escravidão e o poeta pelas injúrias cometidas pela sociedade. Entretanto o poeta é consciente que sua mobilidade é maior em relação ao escravo.

Castro desenvolve novas formas de expressões linguísticas que não foram utilizadas, na sua ampla pluralidade, por outros poetas, desenvolvendo uma oratória discursiva apelativa e ao mesmo tempo denunciativa. Em Castro Alves encontra-se um apogeu, “dando à poesia poder excepcional de comunicabilidade”. E sempre se utilizando de figuras de linguagem. Moisés (2012, p. 618) aponta que “a força das antitéticas permeiam, consequentemente, as

poesias coligadas, que abrangem todos os anos de produção de Castro Alves”. Tal uso de antíteses pode ser notado no trecho do poema “Navio Negroiro” prescrito abaixo:

Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
- constelações do líquido tesouro...
(ALVES, 1921. p. 91)

O eu-lírico nos apresenta uma atmosfera calma, bela e tranquila por meio da comparação entre o céu e o mar. Realmente Castro, “O último adolescente”, como o nomeia Bosi (2003, p. 120), apresenta uma poesia aberta, com estilo comunicativo, vibrante, com ideias inovadoras, motivadas pelas questões amorosas, sociais e políticas.

O poeta dos escravos veio inovar a linguagem que denuncia todo sistema de escravidão:

Morto na “flor dos anos”, como tantos dos ultrarromânticos apostados em abreviar a existência por amor da literatura, sua trajetória de poeta acompanhou-lhe a fugacidade da vida, como um raio que desabasse com estridor, clareasse o espaço e se perdesse no horizonte, deixando a lembrança de sua passagem luminosamente sonora. (MASSAUD MOISES, 2012, p.608)

Mesmo tendo tido uma morte precoce, o vasto acervo escrito deixado pelo poeta dos escravos, jamais deixará de ser consultado, estudado e analisado, porque realmente os efeitos permitidos por estes são de total salutariedade, que permite a cada dia várias descobertas em torno de sua produção. Moisés (2012) afirma que Castro “Reuniu em curtos vinte e quatro anos as experiências de uma longa vida”. Foi realmente um poeta eloquente, no qual podemos analisar como estando à frente do seu tempo, com ideais inovadores de liberdade, justiça e também igualdade humanitária.

3 A MULHER NEGRA E ESCRAVA NA POÉTICA DE CASTRO ALVES

A figura da mulher negra despertou a escrita de autores na segunda metade do século XIX, na terceira fase do romantismo, momento em que o Brasil passava por várias mudanças sociais, uma delas, era o processo de independência. Sabemos que neste cenário surge Castro Alves como um escritor humanista e comprometido com as causas sociais e libertárias dos escravos e que dá voz aos seus escritos às essas pessoas desses segmentos explorados pela sociedade.

Na poesia de Castro Alves a verdade ganha espaço privilegiado, assuntos antes camuflados, a oratória do poeta dos escravos ganha total veracidade. De acordo com Bosi (2013, p. 247), “percebe-se no tratamento que a nova poesia dá às descrições da natureza americana; esta perde a condição de morada idílica do selvagem para tornar-se pano de fundo de cenas que a mancham”. Os escritores brasileiros anteriores a Castro escreviam poesias que glorificavam sempre o Brasil, como sendo um país maravilhoso, onde a alegria era a manifestação latente das pessoas que aqui habitavam. Estas circunstâncias eram redigidas e atreladas sempre à figura dos índios, que eram descritos como heróis selvagens e amigos dos homens brancos. Mas na poética de Castro o Brasil é mostrado verdadeiramente como sendo um o país manchado pelas atrocidades cometidas e pelas indiferenças raciais existentes. Sobre tal fato Bosi (2013, p. 248) ressalva que “a imagem da nação vai-se ensombrando de tal modo que o chamado de ufanismo da belle époque, bem pesadas às coisas, seria entes resíduo da cultura oficial do que uma corrente fecunda de pensamento”.

Castro procurou sempre falar sobre a realidade do Brasil, objetivando expressar as denúncias das condições vivenciadas pelos negros. O autor não tinha o intuito de mostrar o Brasil como um país onde as relações entre classes, raças e gêneros eram saudáveis, por prática não eram constituídas dessa forma. Mas trouxe à tona as reais condições de diferenças existentes entre essas relações sociais. Nessa conjuntura, na poética inovadora e verdadeira de Castro, se insere a mulher negra escrava.

As mulheres negras ganharam um espaço sendo notadamente configuradas como reais. Mulheres estas que vieram para terras brasileiras como forma de mercadoria, tendo de deixar o seu país de origem e seus íntimos. Vieram para chãos brasileiros não com o intuito de mostrar o seu corpo efervescente e os seus traços fortes, como a sociedade estereotipou, mas obrigadas por alheios que as acharam inferiores, como se as mesmas não fossem filhas do mesmo Deus.

Dessa maneira analisaremos a figura da mulher negra, no século XIX, na poesia de Castro Alves, através dos poemas: “A Canção do Africano”, “Mãe do Cativo”, “Mater dolorosa”, “Tragédia no Lar” e “Lúcia”, que estão contidas no livro os *ESCRAVOS*. Esse trabalho se constituirá simultaneamente através dos seguintes tópicos: A Canção do Africano, A Mãe do Cativo, Mater Dolorosa, Tragédia no Lar e Lúcia, nos quais nos deteremos a analisar a imagem da mulher negra e escrava.

3.1 A CANÇÃO DO AFRICANO

A canção do africano é um poema escrito no Recife, em 1963, que retrata o cotidiano de negros e negras oriundos da África, mais precisamente de uma família escrava que vive no Brasil em meados do século XIX, sob o forte regime de escravidão. Por meio da leitura do poema compreendemos os aspectos de suas vivências históricas no continente africano, tão amado pelos mesmos, e a triste sobrevivência, tão sofrida na terra do pau-brasil.

O eu-lírico começa trazendo a real situação de inserção dos negros aqui no Brasil colonial, mostrando aspectos das condições desumanas de vida na senzala, local de habitação constante dos escravos. De acordo com Cotrim (2005), os africanos foram arrancados de sua terra natal por traficantes de escravos que só visavam o lucro, trazidos para viverem em condições degradantes no Brasil, onde foram tratados como inferiores perante os brancos.

Lá na úmida senzala,
Sentado na estreita sala,
Junto ao braseiro, no chão,
Entoa o escravo o seu canto,
E ao cantar correm-lhe em pranto
Saudades do seu torrão...
(ALVES, 1921 p.20)

Esta senzala era úmida, dando a compreender que o estado deste ambiente era um pouco molhado. Tal fato se dá por conta dos vários suores acumulados de muitos negros neste local após um árduo dia de trabalho notadamente “escravo”. Freyre (2003, P. 370) ressalva que “o negro tinha a capacidade transpirar por todo o corpo e não apenas pelos sovacos”, fato esse que pode explicar esse estado de umidade constante da senzala.

O ideal de saudade está totalmente, expresso nesta estrofe, justificando o choro ao “cantar”. Cotrim (2005) ressalva que muitos africanos morriam na viagem por zambo e outros quando chegavam aqui no Brasil, também vinham a óbito pelo fato de os portugueses tratarem

logo de separar os escravos que tinham parentescos. Esta separação no Brasil escravocrata deu-se para que os mesmos não tentassem exercer nenhum tipo de reação, porque, na lógica do escravizador, os negros juntos da mesma família poderiam firmar uma aliança mais consolidada e fugir, uma vez que, de acordo com Freyre (2003), os africanos eram muito inteligentes e habilidosos.

A figura da mulher escrava aparece no poema atrelado à designação de mãe cuidadosa e zelosa para com seu filho, que é trazido na poesia como o único e verdadeiro bem que a mãe escrava possui. No entanto, sabemos que na vida de escravidão nem mesmo o seu próprio filho ela tinha, haja vista que o senhor dono da mãe também era o senhor dono do filho. A negra era uma reprodutora de mercadoria escrava, que dava lucros e braços fortes para os senhores no sistema de monocultura de exportação. E o seu filho, antes mesmo de nascer, já era escravo também.

De um lado, uma negra escrava
Os olhos no filho crava,
Que tem no colo a embalar...
E à meia voz lá responde
Ao canto, e o filhinho esconde,
Talvez pra não o escutar!
(ALVES, 1921 p. 20)

A canção era uma espécie de hino para os africanos, com a qual lembravam suas histórias de vida na África e também os sofrimentos na terra de brancos. Sendo assim, a mãe olha fixamente para o seu filho pensando na terrível e cruel sorte que ele possui.

Na lógica da vida, os pais deixam heranças boas e valiosas para os seus filhos, mas na vida de escravidão não se pode deixar algo digno, porque a condição de “escravo” não tem nada de dignidade, pois o único legado é “ser escravo”. As heranças dessa mãe foram consubstanciadas pelo regime da própria escravidão.

É como se essa negra-mãe parasse e olhasse alguns instantes fixamente para seu pequeno filho e imaginasse a sua cruel sina, pois a liberdade jamais tocará o seu pequenino ser. Percebemos que essa mãe sofre mais por seu filho, imaginando as dores futuras dele como escravo, do que por sua atual condição de sofrimento de escravidão. O ideal de liberdade na vida negra não existe.

Esta mãe é uma mulher que se constitui apenas como uma observadora perante a situação do seu filho, pois a mesma não pode fazer absolutamente nada, como ela poderá

mudar uma história de escravidão? Como ela poderá retirar essa herança maldita? Se é que realmente essa miserável condição poderá ser chamada de herança!

Notamos o ideal de nacionalidade presente nesta estrofe abaixo, na qual o eu-lírico faz uma comparação entre a sua terra e a terra do pau-brasil, ressaltando as qualidades do Brasil, mas afirmando que África é realmente a predileta.

Minha terra é lá bem longe,
Das bandas de onde o sol vem;
Esta terra é mais bonita,
Mas à outra eu quero bem!
(ALVES, 1921 p.20)

Cotrim (2005), ressalva que os africanos foram fortes aliados dos brasileiros para o tráfico negreiro, pois este comércio gerava muitos lucros, para ambos os países. Mas na ótica dos negros os grandes culpados realmente eram os portugueses e brasileiros e não os africanos.

O sol faz lá tudo em fogo,
Faz em brasa toda a areia;
Ninguém sabe como é belo
Ver de tarde a papa-ceia!
Aqueles terras tão grandes,
Tão compridas como o mar,
Com suas poucas palmeiras
Dão vontade de pensar ...
(ALVES, 1921 p.21)

Os pensamentos deste eu-lírico estão sempre presentes na África, as características deste país estão vivas em suas memórias, memórias estas que não poderão ser retomadas em forma de vivências, pois a escravidão impossibilitava-os de retornar aos nascentes africanos, que jamais serão vistos por esses escravos novamente.

Observamos a expressão “papa-ceia”, que significa uma estrela que aparece a tarde no pôr do sol na África. Dessa maneira, entendemos que as lembranças do eu-lírico não foram silenciadas totalmente pela escravidão, elas foram acomodadas nos seus pensamentos.

Essa comparação da dimensão territorial da África com os mares se dá por dois motivos: primeiramente porque os negros vieram por mar, e a viagem era muito longa e extenuante: De Luanda (África) até Recife (Brasil) durava geralmente 35 dias; até a Bahia, 40 dias; até o Rio de Janeiro, cerca de dois meses. (COTRIM, 2005, p. 218). Outro fato é a

característica do continente africano ser banhado pelo Oceano Atlântico e o Índio, compreendendo que o escravo africano tinha uma familiaridade com o mar, mesmo que essa intimidade fosse, até certo ponto, triste, pois pelo o mar foram traídos e foram retirados do seu país, que também os traiu.

Lá todos vivem felizes,
 Todos dançam no terreiro;
 A gente lá não se vende
 Como aqui, só por dinheiro.
 (ALVES, 192 p.21)

Entendemos que as alegrias dos africanos eram constantes na África, onde podiam viver em harmonia com seus parentes e suas culturas, ressaltando a saudade da sua cultura quando o eu-lírico fala do “terreiro”. Freyre (2003, p. 440) ressalva que “o método de desafricanização no negro ‘novo’, foi misturá-lo com a massa de ‘ladinos’, ou veteranos”, de modo que as senzalas foram uma escola prática de abasileiramento

Essas culturas africanas que foram silenciadas aqui no Brasil se mantiveram vivas através, principalmente, das negras que repassaram tais bens para as gerações procedentes, por meio da oralidade, mais especificamente através da música. Fato este que Freyre (2003) ressalva ao diz que muitos meninos negros brancos mantiveram contatos com canções de ninar das mães-pretas.

Compreendemos ainda na estrofe quando a voz lírica diz “a gente lá não se vende como aqui, só por dinheiro”, que em sua terra eram realmente vistos como gente e não como mercadoria, como aqui no Brasil, que através da sua basilar condição de escravo se faziam pertencentes a outros, o que, conseqüentemente, os fazia inferiores.

E a escrava acabou seu canto,
 Pra não acordar com o pranto
 O seu filhinho a sonhar!
 (ALVES, 1921 p.21)

A mãe parou seu cantar para não incomodar o sono do seu filho que vinha a dormir. Esse sonho também pode ser comparado ao sonho de uma vida de libertação, na qual a mãe não quis acordar o seu filhinho, pois estes sonhos significam sonhos de uma vida inteira, nos quais a mãe sabe realmente que não serão constituídos na sua integridade. Verdadeiramente, a mãe não poderá mudar esse cruel destino, calando o seu triste canto para não atrapalhar os

momentos de alegrias do seu filho, que são apenas instituídos em sonho. Porque na vida só vivenciara crueldade e desenganos.

E a cativa desgraçada
Deita seu filho, calada,
E põe-se triste a beijá-lo,
Talvez temendo que o dono
Não viesse, em meio do sono,
De seus braços arrancá-lo
(ALVES, 1921 p.22)

Esta mãe está constantemente preocupada. Para ela não mais importa o seu sofrimento ou a sua condição de escrava desgraçada, mas sim o sofrimento do seu filho, seu único bem. Compreendemos que o sofrimento da mãe, ao ver o seu filho em uma condição de consternação, lhe dói mais do que o seu próprio sofrimento. É como se a sua dor estivesse silenciada ou esquecida perante as preocupações que estão consubstanciadas no ser do seu filho pela vida inteira, pois a mesma sabe que suas amarguras estão mais perto de acabar do que a do seu filho, que tem uma longa vida escrava pela frente.

Notamos, ainda, que a mãe está preocupada com a noite de sono do seu filho, pois as mães escravas não dormem com suas crianças, principalmente quando estas são amas-de-leite dos filhos dos senhores. Dessa forma Giacomine (2013, p. 31) ressalta que “construir uma prole é algo inacessível àqueles que não possuem nem a si próprios”, ou seja, ser mãe na condição de escrava era algo extremamente dolorido, talvez o mais triste de todas as mazelas que a condição de escrava lhe designou.

Sendo assim, tarde da noite, os senhores mandam os seus capangas pegarem as criancinhas negras, que só tinham algumas horas do calor quente do corpo da sua mãe. Após isso, eram levados para os locais determinados, esse fato era mais comum quando a negra era ama-de-leite de meninos brancos, pois iriam passar a noite cuidando da criança dos senhores e os filhos delas ficavam a mercê.

Observamos ainda que existe uma voz lírica que narra os fatos de condições de vida dos escravos, sendo uma espécie de apresentação inicial das condições de inserção dos escravos. Após essa descrição, existe uma continuidade no verso, e o adentramento de uma voz lírica negra. Depois dessa inserção lírica negra, a voz que começa o poema entendemos que seja Castro Alves, apenas a observar o desenrolar dos fatos contados pela voz negra. Tal voz que deixa de configurar-se como um ser passivo para ativo, ou seja, deixa de ser objeto da sua história, como a sociedade escravocrata conferiu, para ser sujeito ativo e participante.

Neste momento, a palavra dada ao negro, através de Castro, coloca os cativos na condição de agente e igualando-os aos brancos, dando momentos de efemeridade.

A estrutura composicional do poema é muito peculiar, pois o eu lírico que inicia, o qual supomos que seja Castro, também termina o poema, abrindo espaço entre o início e o fim para que o negro marginalizado saia da sua condição de objeto, tornando-se um sujeito por meio do seu canto.

Dessa maneira, através da palavra dada ao negro, temos uma voz lírica que assume a postura de um observador, o qual apresenta o cenário e descreve as cenas. Porém, nos quartetos, a voz lírica é de um escravo, o qual canta as saudades de sua terra.

Na verdade, esse ideal de passividade, que a sociedade instituiu, não existe na figura do escravo, mão-de-obra trabalhadora no sistema de escravidão, já que os mesmos eram realmente quem sustentavam o Brasil colonial e Imperial. O ideal de ser passivo só se consubstanciava em outros segmentos da vida escrava como a impossibilidades de uma vida digna e escravos-mercadorias.

Observamos o percurso histórico dos africanos explorados aqui no Brasil. O poema é uma forma de mostrar o quanto essas pessoas foram exploradas e o quanto a sua linhagem biológica sofreu no sistema de escravidão, haja vista que o problema da escravidão no Brasil não era algo imediato.

O poema se constitui como uma denúncia social das atrocidades cometidas com os escravos que foram desprovidos da categoria de ser humano, já que não foram tratados com essa condição e sim com a condição escravo. Nessa perspectiva, Moisés (2012, p.607) ressalva que Castro Alves em seus escritos “propõe-se a espelhar os fatos contemporâneos e mais característicos da realidade nacional”. Dessa maneira, Alves tratava a realidade do Brasil, mostrando as mazelas sofridas pelos os escravos, os quais outros escritores já tinham contemplado, porém não mostraram a causa da escravidão verdadeiramente.

Observamos ainda uma intertextualidade do poema, “Canção do africano” com o poema “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, pois tanto no poema de Gonçalves quanto no poema de Castro Alves, temos um eu lírico que sente saudade de sua terra natal. Porém, o Brasil, idealizado em a “Canção do Exílio”, não será mais idealizado em a “Canção do africano”. A terra do pau-brasil será denunciada e não amada. Para os africanos, a África é da liberdade e o Brasil apenas da escravidão.

A mulher, na “Canção do africano” se constitui como uma mãe extremamente zelosa com o seu filho, pelo qual tem um grande esmero, tendo em vista ser seu único bem. Percebemos que esta mulher tenta a todo custo proteger o seu filho dessa vida de dor e

sofrimento, mas ela não sabe até que ponto realmente irá conseguir, haja vista que na vida de escravidão a mãe não é detentora do seu filho, e sim seu senhor, que tem vastos poderes sobre ambos. Compreendemos que para o senhor branco não há diferenciação entre a mãe e o filho, já que ambos são escravos e isso é o que realmente interessa.

3.2 A MÃE DO CATIVO

Este poema foi escrito em 1865 e é dividido em três partes, representando a negra como a mãe cuidadosa, que balança sua criança na rede, mas, para o poeta, melhor teria sido se a mãe estivesse cavando a cova para o filho, a fim de que ele fosse poupado do destino de dor e sofrimento que foi impregnado nas suas genealogias através do sistema de escravidão.

O' Mãe do cativo ! que alegre balanças
A rede que ataste nos galhos da selva!
Melhor tu farias se â pobre criança
Cavasses a cova por baixo da relva.
(ALVES, 1921 p 76)

Dessa forma, o poema começa com eu lírico reconhecendo que a melhor atitude da mãe seria entregar o filho à morte, dando-nos a impressão de que a vida no panorama escravo é totalmente insuportável. De acordo com esse fato, Giacomini (2013) ressalva que muita mãe abortava ou matava seu próprio filho, para poupá-lo da vida de sofrimento escravo. E este é o conselho da voz lírica para a mãe.

Nas estrofes abaixo aparece a ideia de pessoa que vive marginalizada, na vida “tanga rasgada”, na morte “roto lençol”, sendo a vida e a morte um processo, esta criança não teria o direito de poder vestir-se bem nem em um estágio nem em outro. Tanto em vida como em morte, as vestes não teriam diferença e fica, pois, traçado um perfil de gente mal tratada, tanto a mãe como o filho.

Na vida - só cabe-lhe a tanga rasgada!
Na morte - só cabe-lhe o roto lençol.
(ALVES, 1921 p 77)

Dessa forma é retratado, então, o processo que se dá entre a vida e a morte com a ideia de descaso e pobreza dessas pessoas: para escravos vivos, apenas trapos lhes cobrem o seu corpo, para escravos mortos, somente o pano de mortalha. Para o poeta a única esperança realmente era saber que lá no céu essa criança seria igual a todos, sem distinção de raça ou cor, pois para Deus todos são seus filhos e filhas, não existindo raça superior ou inferior.

E louca, sacodes nesta alma, inda em trevas
 O raio da esperança... Cruel ironia!
 E ao pássaro mandas voar no infinito,
 Enquanto que o prende cadeia sombria!..
 (ALVES, 1921 p 77)

Na estrofe, a voz lírica despeja uma espécie de ironia para com a mãe negra, é como se essa voz quisesse retirar as esperanças que ainda estão presentes no ser da mulher negra, talvez pelo fato do eu-lírico realmente saber que as esperanças escravas não alcançaram outro estágio. Dessa forma, a voz lírica se constitui com um observador participante da questão escrava e tenta advertir a mãe que não prepare seu filho para uma vida de felicidade, mas sim para uma vida de desigualdade, vida escrava. Haja vista que se a mãe negra alimentar esperanças de uma vida feliz, essa criança sofrerá mais ainda quando compreender realmente a realidade da vida e disparidade da escravidão.

Nesta estrofe ainda, percebemos que Castro Alves traz alguns resquícios simbólicos da terceira fase do romantismo, quando se refere à expressão “e ao pássaro mandas voar no infinito”, fazendo uma comparação com o condor, ave símbolo de tal fase. Mas a essa mulher não está permitido a dar voos altos e distantes, pois é totalmente aprisionada pela escravidão.

O poeta dar conselhos para mãe que não acorde seu filho do sonho, pois na vida não existirá sonhos, mas sim realidades dolorosas, nas quais acarretará profundas tristezas que marcará a sua alma para sempre.

O' Mãe! não despertes está alma que dorme,
 Com o verbo sublime do Mártir da Cruz!
 O pobre que rola no abismo sem termo
 para que ha de sonda-lo.. Que morra sem luz.
 (ALVES, 1921 p 77)

Também se percebe uma singular intertextualidade do menino filho da escrava com menino Jesus, haja vista que o poema foi inspirado na epígrafe de duas estrofes do poema “A mãe polaca”, do poeta Mickiewicz, que estabelece uma intertextualidade com a Virgem Maria

que, ao pressentir o destino de seu filho, tenta resguardá-lo, fato esse que se entrelaça com a mãe escrava que tenta proteger seu filho das mazelas da vida de escravidão.

Quando o escritor usa a palavra “sem termo”, ele faz uma retomada da estrofe que descreve que “Na vida, só cabe-lhe a tanga rasgada! Na morte, só cabe-lhe o roto lençol”, fazendo prevalecer que essa criança terá uma vida extremamente miserável.

Quando a voz lírica usa a expressão “que morra sem luz”, é para que a mãe não incentive o seu filho a desejos de liberdades na vida, pelo fato de ser melhor deixá-lo morrer ignorante sem conhecer as vontades de ser livre, porque dificilmente ele irá conhecer essa liberdade em sua vida.

Sendo assim, a morte, na ótica escrava, se apresenta como um ideal de libertação e felicidade, de acordo com a concepção da voz lírica, com a qual podemos perceber que ordena os atos para mãe, como se essa voz realmente soubesse o sofrimento de ser escravo e observasse atentamente a vida dessas pessoas há tempos e compreendesse que a liberdade na vida de escravidão é algo que não se conhece jamais.

É com este pensamento de morte sinônimo de igualdade e de liberdade que o eu lírico sugere à mãe:

Ó Mãe do cativo, que fias à noite
À luz da candeia na choça de palha!
Embala teu filho com essas cantigas...
Ou tece-lhe o pano da branca mortalha.
(ALVES, 1921 p 78)

Como podemos ver, ao invés de preparar o seu filho para o percurso da vida, tecendo vestimentas para cobrir seu corpo nos estágios da sua existência como pessoa, a voz lírica expressa que a mãe deveria fiar o último pano que seu amado filho se cobriria. Desse modo, não são sonhos de vida, mas sonhos de morte. Vida e morte, assim, são justapostos na essência vivenciada na escravidão e a morte ainda se torna mais feliz do que a vida, porque sugere o ideal de liberdade desses povos tão suprimidos pela sociedade brasileira escravocrata capitalista.

Para Moisés (2012, p. 615), “quem é branco, quem é feliz, não pode compreender esta palavra, liberdade”, apenas o escravo que foi impossibilitado de possuir o menor grau que seja de livre-arbítrio em sua vida poderá entender, pois o branco a possui todos os dias e não a compreende. Também ressaltamos que essa mãe teve um árduo dia de trabalho escravo, pois fia os panos do filho a noite e não durante o dia como é mais habitual.

A morte se apresenta assim como um imaginário de libertação, de descanso dessa vida sofrida e angustiada, na qual não puderam passar por caminhos alegres, apenas por vales escuros. A sina do sofrimento já estava marcada nas suas vidas, foram menosprezados aos olhos de quem finge não querer ver.

Com este poema realmente conseguimos compreender o quanto é difícil ser escravo, o quanto é dolorido ser pertencente ao outro, e o quanto realmente é angustiante não poder fazer nada.

Creança — não tréma dos transes de um mártir !
 Mancebo — não sonhe delírios de amor!
 Marido — que a esposa conduza sorrindo
 Ao leito devasso do próprio senhor! . . .
 São estes os cantos que deves na terra
 Ao misero escravo somente ensinar.
 (ALVES, 1921 p 78)

Essa criança teria de ser avisada pela mãe dessa real situação de vida escrava e não de sonhos de uma vida feliz, porque na prática isso não irá se concretizar. Esse menino, quando se constituir homem e escolher sua esposa, terá de aceitar dividi-la parcialmente com o seu senhor sem nenhum sinal de indignação ou revolta, mas sim com um sorriso no rosto, porque ele tem a obrigação de servir ao superior.

Constatamos ainda que essa mulher é um ser forte, que resistiu a todos os empecilhos que a sociedade a impôs em relação à maternidade. De acordo com Giacomini (2013), a mulher negra foi impossibilitada de ser mãe dos seus próprios filhos, pois foi utilizada para diversos afazeres. Dessa forma, quando engravidava não era dispensada dos trabalhos, nem mesmo aqueles de maior peculiaridade. E quando suportavam essas terríveis condições de trabalho, que finalmente dava à luz, ela se tornava uma mercadoria leiteira, a qual poderia acarretar a venda da mesma com o seu filho.

Compreendemos que essa mulher mãe passou por todas essas mazelas que tinham o objetivo de impedir a gravidez da negra e, após todo esse sofrimento, ela cuidava muito bem do seu filho, mesmo sabendo que a vida só deixará angústias para ele. Possivelmente essa criança terá a mesma sorte cruel que a de sua mãe, mas, mesmo assim, a mãe preferiu ter o seu filho e estar perto dele se doando completamente, mesmo compreendendo os sofrimentos impostos pela vida.

Dessa maneira a principal temática trazida pelo eu-lírico do poema é a recomendação para que desde a mocidade as mães falem para seus filhos que não tenham esperanças em relação à vida, pois não encontrarão alegrias e prosperidades no futuro. Deve a mãe ensiná-los a aturar a dor, a humilhação e todos os males que a vida no continente de outrem lhes impõe. Chega o eu-lírico a dizer que melhor seria a criança não ter nascido, pois para esse pequeno melhor seria se estivesse morto para que, assim, não seja sujeito às dores da vida da escravidão.

Através da análise feita em “A mãe do cativo”, consideramos que a negra escrava é retratada pelo poeta como uma mulher humanizada e sensível e que tem em sua imagem o sofrimento numa perspectiva limitada, sendo incapaz de reverter à posição de subordinados e inferiores que os colonizadores lhes atribuíram. O eu lírico reconhece o sofrimento dela e lhe traz conselhos para a morte do filho, assim não seria “condenado” a mesma vida que a mãe.

Observamos também que a família que é retratada neste poema é composta por mãe e filho, fato esse que Giacomini (2013) observou, pois infere que outros tipos de relações familiares na lógica da escravidão não se firmaram, não tendo assuntos relacionados a essa composição. Quando se trata de família escrava existe mãe e seus filhos. Fato este que fica totalmente expresso no desenrolar do poema, no qual realmente só compreendemos a relação entre a mãe e seu filho, relação esta sofrida, que apresenta uma imagem de mãe angustiada que pensa a morte do filho como saída da aflição da vida escrava.

Fica evidente que deslocamento dessas pessoas para um país de alheio as marginalizou diante de uma sociedade que trancafiou seus valores, raízes e sentimentos. Chegaram ao Brasil onde os seus suores foram descidos e perdidos, juntamente com as suas esperanças, e com as suas identidades que ficaram apenas enraizadas na alma de um povo valente, que sofreu e sofre como se não tivesse o mesmo corpo, a mesma dignidade e o mesmo direito de ser servido, e não apenas o direito de servir, e acima de tudo como se eles não tivessem o mesmo Deus. Vieram para terras alheias com o objetivo de formar riquezas para alheios e construir impérios exorbitantes em sociedade capitalista.

3.3 A MATER DOLOROSA

O poema é um dos escritos mais tristes de Castro Alves. Composto em 1865, retrata uma mãe sofredora que comete um crime cruel, seu maior pecado eterno. Por conta deste erro ela se martiriza, pensa, pede e clama a Deus que a perdoe dessa terrível maldade, mas esse pecado se constitui como um pecado de libertação de uma vida inteira, miserável e sofredora.

O eu-lírico do poema é constituído pela mãe negra que vem falar sobre o seu filho que está em um sono profundo, jamais acordado ou incomodado por algum problema, seja ele de qual tipo for, pois o mesmo dorme junto ao Pai Todo Poderoso lá no céu e está livre das mazelas da vida escrava. Na morte ele goza de total liberdade.

Meu Filho, dorme, dorme o sono eterno
 No berço imenso, que se chama - o céu.
 Pede às estrelas um olhar materno,
 Um seio quente, como o seio meu
 (ALVES, 1921 p. 23)

Notamos que o filho da negra está dormindo em um berço imenso na eternidade, dando a entender que em outro plano, talvez o do além, terá uma vida mais digna, onde poderá dormir em um berço que nunca tivera o prazer de deitar, sendo igual a todos os outros que lá habitam, pois no céu não existirá vida de escravidão, não existirá diferença de cor ou raça. Existirá uma vida de libertação.

Observamos também que se esse filho pudesse está no começo da vida, talvez até estivesse acabado de nascer, pois ela fala que o seu seio está em estado quente, exatamente pelo fato de estarem cheios de leite, que serviriam para saciar a fome do seu amado filho. Ainda notamos que ela olha fixamente para as estrelas em busca de uma proteção divina para a sua cria, como se neste momento também chamasse a Deus e pedisse que protegesse o seu filho da mesma forma que ela a protegia.

Giacomine (2013) ressalva que muita mãe negra matava seu próprio filho para salvá-los da sua sorte cruel. Fato esse que o Diário do Rio de Janeiro de (19/07/1871) retratava: “A escrava mata o filho, antes de nascer, ao nascer ou no berço, para poupar à sorte miseranda que o aguarda; mata o escravo querido para lhe dar a única alforria a que pode aspirar”.

Realmente a única liberdade que o negro tinha condições de usufruir, se dava através da morte, pois na vida verdadeiramente não teria condições de exercê-la, pois a condição escrava o impossibilitava de desfrutar de tal bem.

De acordo com Cotrim (2010, p. 46) “Algumas mulheres, por exemplo, provocavam abortos para evitar que seus filhos também fossem escravos”, fato esse que espelha a situação evidenciada pela poesia.

Outro aspecto interessante é exatamente o nome dado ao referido poema “Mater Dolorosa”, pois Mater significa uma expressão de reverência à imagem da Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo, consubstanciando assim uma aproximação que o autor faz entre Maria

mãe de Jesus e Maria mãe negra. Ambas choram a partida de seus filhos, porém em circunstâncias diferenciadas. Maria a mãe de Jesus chora no calvaria a partida de seu filho retirado pelo outro; já a escrava chora duplamente: por matar e perder o seu próprio filho, e ambas choram em terras de sofrimentos.

Ressalta-se que tanto Maria mãe de Jesus como Maria mãe negra entregam o corpo dos filhos mortos aos céus, como se os tivessem embalando, ninando-os para o sono eterno. Sono de libertação.

Ai! borboleta, na gentil crisálida,
As asas de ouro vais além abrir.
Ai! rosa branca no matiz tão pálida,
Longe, tão longe vais de mim florir.
(ALVES, 1921 p.23)

O eu-lírico traz átono o estágio da crisálida em borboletas, estágio este que é o único, no qual as borboletas pouco se movem ou não movem, dando a compreender que era exatamente o estado no qual o filho dela se encontrava, talvez até se mexesse para morrer, mas muito pouco. Dando a entender que o homicídio aconteceu neste exato momento.

Meu filho, dorme Como rugo o norte
Nas folhas secas do sombrio chão!
Folha d'está alma como dar-te â sorte?..
E' tredo, horrível o ferai tufão !
(ALVES 1921 p.23)

A mãe fica feliz e triste ao mesmo tempo, feliz por causa da libertação do seu filho, que não terá que vivenciar os sofrimentos de uma vida escrava, e triste por causa do seu pecado terrível. Porém, para essa mãe, a morte é a única liberdade que o escravo poderá conhecer em toda a sua vida. A morte torna-se mais feliz do que a vida. A ideia de maldição na vida escrava é traçada na hora da geração, por que ele é escravo, sua condição vale mais do que tudo.

Ela ainda ressalta características do terreno onde o corpo do filho está estendido, como “sombrio chão!”, dando a entender que aquela terra era de sofrimento, talvez fazendo um desabafo em relação a fazenda do senhor que a possuía, pois ela o enterrou lá. Ou seja, ela o sepultou em um terreno de escravidão, porém naquele corpo que está deitado neste chão impiedoso só habita libertação, por que a morte acabou de ser concebida. O sofrimento, dessa forma, está presente só na vida da mãe-negra, pois ela acaba de libertar seu filho da vida

escrava, apenas ela tem de aguentar mais um pouco para chegar finalmente a sua felicidade eterna.

O poema foi escrito 1865, momento este que a Lei do Ventre Livre não tinha sido ainda promulgada no Brasil, pois só foi proclamada em 1871, seis anos depois da escritura do poema, com a qual os filhos de escravas seriam considerados livres. Sendo assim, o autor, através da voz lírica da mãe, veio realmente denunciar a realidade vivenciada pelas negras e seus filhos.

O amor da mãe trazido nos versos é um amor que cessa a vida, pois ela prefere ficar longe e ter saudades do filho do que ficar perto e sofrer juntamente a sua dor e a do filho. Outro aspecto a ser ressaltado é a constituição da família negra, pois, através desse poema, entendemos que não existia o pai desse filho, como se ela mesma fosse pai e mãe ao mesmo tempo.

O eu-lírico, como já foi ressaltado, é a própria escrava que explicita a morte do seu filho, cometida por ela mesma, dando a entender que Castro quis utilizá-la exatamente para os leitores se sensibilizarem. Haja vista que seria diferente se outra voz lírica contasse essa história, a não ser a mãe amorosa, ao mesmo tempo culpada, que vive a angústia de sua condição social. Dando voz a ela, uma mulher pertencente a um segmento exorbitantemente oprimido e submetido aos interesses comerciais, familiares e sexuais de seus proprietários, Castro Alves tira a negra da condição de coisa e a coloca em um patamar superior.

A mulher negra no poema é retratada como um ser humano triste, no qual habita uma vida miserável. Percebemos que essa mulher realmente tinha noção que seu filho estaria melhor morto do que vivo, pois a vida escrava não guardava nada de agradável para ele, só tristezas e humilhações. Dessa maneira, a mulher dá a melhor forma de liberdade ao seu filho, a morte.

Esta mulher se constitui como experiente na vida de escravidão, sendo retratada como uma pessoa que entendia realmente todo esse sistema impiedoso. Assim sendo, ela é trazida no poema não como uma pecadora ou um ser maldito por causa do seu terrível crime, mas sim como uma mulher que matou o seu filho pelo amor que sentia, por jamais querer vê-lo em uma vida desumana de escravidão.

3.4 Tragédia no Lar

Este poema retrata a condição de vida de uma família escrava constituída apenas pela mãe negra e seu filho, fato esse que Giacomini (2013) ressalta quando diz que as relações

familiares escravas eram constituídas em suas totalidades apenas pelas mulheres negras e seus filhos.

O poema começa falando da mãe negra, ao anoitecer, preparando o embalo do seu filho para uma noite de sono. A mãe, dessa forma, reveste-se de uma cantiga que ganha sinais de aflições, trazendo resquícios de sua vida de sofrimento. Mas a criança inocente não entende o conteúdo da música e, por isso, alegra-se e acalma-se até dormir.

Junto ao fogo, uma Africana,
Sentada, o filho embalando,
Vae lentamente cantando
Uma tirana indolente,
Repassada de aflição.
(ALVES, 1921 p. 32)

A escrava tinha uma característica muito peculiar, a de repassar as culturas africanas através do cantar, fato esse que gerava a ira dos senhores e senhoras brancas, pois diziam que as negras estavam contaminando a cultura branca, superior à negra na lógica da escravidão.

A criança chora, por alguns momentos, com a interrupção do cantar, mas depois a mãe ergue a canção novamente e a criança inocente põe-se a alegrar-se outra vez.

Se o canto para um momento,
Chora a criança imprudente...
Mas continua a cantiga...
E ri sem ver o tormento
Daquele amargo cantar.
(ALVES, 1921 p.32)

O cantar da escrava é triste, pois refletia as injúrias e indignações da vida de escravidão, e a grande saudade da sua terra natal, a África. A voz lírica traz à tona o ideal de ser inocente, pois a criança se alegrava com o cantar triste da mãe, não compreendendo ainda a vida de escravidão que tinha. A mãe já era escrava, já sofria as mazelas dessa vida, porém ainda não a entendia. Dessa forma, o cantar era constituído de um significado de alegria para criança, que dormia após esta cantiga.

No seu cantar, a mãe negra diz que é como uma garça triste. Esta referida ave é conhecida como o pássaro da felicidade, a garça celeste, o pássaro da paz. A garça se constitui, dessa forma, como um símbolo de paz e esperança, mas no cantar da negra ela ganha um adjetivo diferenciado da sua condição, pois se refere a ela palavras de tristeza. “Eu sou como a garça triste que mora à beira do rio”, (ALVES, 1921 p.33). Esta esperança que a

negra ainda tinha no seu ser, ao se comparar mesma com a garça, que é símbolo de esperança, constitui uma esperança de uma vida inteira.

Outro fato que se ressalva é que a garça é um pássaro que migrou para variadas partes do mundo, sendo conhecida em qualquer canto por sua beleza, fato esse que se compara com a negra escrava, que também migrou para vários continentes, é conhecida nestas diversas partes do mundo por sua cor e condição escrava e também por sua beleza própria, diferenciada e chamativa. Sobre isso Giacomini (2013, p. 70) compreende que “Os atributos físicos da escrava, negra ou mulata, provocariam o desejo do homem branco”.

Depois ela ressalva que gostaria se ser como uma araponga errante, que é um pássaro totalmente livre.

Feliz da araponga errante
Que é livre, que livre voa. [...]
(ALVES, 1921 p. 33).

Que é livre, que livre voa
Para as bandas do seu ninho,
(ALVES, 1921 p. 33).

Notemos que esta mulher só queria ser livre, não queria luxúria nem vida rica. Queria apenas uma vida simples, na qual a liberdade estivesse presente, em que pudesse realmente cantar suas canções sem restrições e pudesse ser verdadeiramente o que era, pudesse ter o direito de ser mãe e, um dia, quem sabe, regressar para seu ninho africano, onde tantas esperanças foram deixadas brutalmente.

Esta comparação que o escritor faz no poema entre a negra e a ave se dá pelo fato de o pássaro estar sempre a sair do seu ninho para voos distantes e longos, migrando para diversos lugares, tendo o domínio dos céus, mas sempre regressa a sua casa, a sua terra, fato esse que não acontece no mundo escravo, pois esta negra jamais avistará a África novamente. A ave tem o domínio total do céu quando está voando, acontecimento esse que é totalmente diferenciado da vida da negra escrava, que não tem domínio se quer da sua própria vida, pois ela é mercadoria pertencente ao senhor branco.

O sentimento de liberdade querido pela escrava pode ser notado em seu cantarolar, sentimento este que o poeta expressa através da retratação da natureza, principalmente no que diz respeito às aves, pois estas são exemplos da liberdade, quando planam na imensidão que é o céu, e também são símbolos da terceira fase do romantismo, na qual o autor Castro Alves estava inserido. A negra vem dizer na sua canção tristonha que todos na vida têm alguns

direitos, sejam de quais tipos forem, mas ela, escrava, não tinha nem se quer o mais torpe dos direitos possíveis.

Todas têm os seus amores,
Eu não tenho mãe nem filhos,
Nem irmão, nem lar, nem flores.
(ALVES, 1921 p. 34)

Ela ressalva que na vida todos têm amores, uma vida familiar adequada e constituída, mas ela nunca teve essa condição, pois ela era escrava e isso falava mais alto, até o seu próprio filho não lhe pertencia, mas ao senhor, pois ele era uma mercadoria e a mãe se constituía como uma reprodutora de mão-de-obra trabalhista para o sistema comercial. Dessa maneira, a qualquer momento este senhor poderia vir buscar o seu bem para vendê-lo.

A negra finalmente interrompe sua canção, pois na estrada alguém passava e na porta da senzala vinha a bater, era o seu senhor, com os seus capangas, homens que davam medo, suas características foram descritas pela voz lírica negra.

Figuras pelo sol tismadas, lubricas,
Sorrisos sensuais ,sinistre olhar,
Os bigodes retorcidos,
O cigarro a fumegar,
O rebenque prateado
Do pulso dependurado,
Largas chilenas luzidas,
Que vão tinindo no chão,
E as garruchas embebidas
No bordado cinturão.
(ALVES, 1921 p.34)

Esses homens tinham no seu semblante uma ameaça constante para a negra. Ela realmente sabia que essa visita não seria agradável e alegre para sua vida, mas sim seria uma visita de dor e morte, para quem já foi praticamente morta pela escravidão. Ao adentrarem, perguntam logo: Porque tremes mulher? Talvez porque o semblante na negra já denunciasse o medo presente na sua alma.

Porque tremes mulher? Que estranho crime,
Que remorso cruel assim te oprime
E te curva a cerviz?
O que nas dobras do vestido ocultas?
E' um roubo talvez que ahi sepultas?
É seu filho. Infeliz!
(ALVES 1921 p.34)

Os homens adentram e enchem a mulher de perguntas, depois de certo ponto percebemos que estas indagações ganham um tom de deboche por causa da condição de escrava da mulher. Essa negra não pode fazer absolutamente nada perante esta situação. Os homens a questionam sobre se o que ela esconde é o seu filho e lhe dão logo um adjetivo de infeliz, pois realmente na sua vida a felicidade não iria brotar, pois era escravo, nasceu para servir a brancos.

Ser mãe é um crime, ter um filho — roubo!
 Ama-lo uma loucura! Alma de lodo
 Para ti — não ha luz.
 Tens a noite no corpo, a noite na alma,
 Pedra que a humanidade pisa calma,

— Cristo que verga â cruz!

(ALVES, 1921 p. 35)

Os homens zombam da escrava e a chamam de louca por amar o seu filho, dizem que ter um filho na condição de escrava é um crime, um roubo, talvez um roubo da própria felicidade. Eles advertem que para ela não há absolutamente nada de luz, na sua vida só tem escuridão, percursos sombrios e difíceis. Eles ainda rebaixam a mulher dizendo que a humanidade, no caso, os brancos, pisa vagarosamente nelas, pois são escravos.

Ao ser tratada desta forma, o poeta demonstra que essa mulher não tem saída diante dessa situação. O racismo está presente nas relações expressas no trecho, pelo fato de ser inferiorizada e hostilizada, sendo que este branco não sentiu nenhum remorso, pois dentro da ideologia racista na sociedade brasileira isso era natural, mesmo às vésperas da queda da escravidão no Brasil. O autor chama o leitor para adentrar na história do poema. Manifestando claramente sua adesão a questão abolicionista no Brasil.

Leitor, se não tens desprezo
 De vir descer as senzalas,
 Trocar tapetes e salas
 Por um alcouce cruel,
 Vem comigo, mas.. cuidado.
 Que o teu vestido bordado
 Não fique no chão manchado,
 No chão do imundo bordel.
 (ALVES, 1921 p. 35-36)

Castro Alves chama realmente o leitor para conhecer o mundo escravo, fazendo uma espécie de crítica comparativa entre a vida dos senhores e a vida escrava. Ele demonstra verdadeiramente o contraste existente entre o estado condicional de vida de uma e da outra, dizendo ao leitor que tenha cuidado até com as roupas que irá usar para fazer essa viagem, pois as vestes poderão vir manchadas pelo sujo chão da senzala e a compara com um imundo bordel.

Quando ele traz à tona o ideal de chão manchando está se referido aos sangues que estão impregnados no local, por causa dos diversos e horrorosos castigos, aos quais os negros são submetidos. Este chão demonstra a marca cruel da escravidão e ao mesmo tempo marca da cobiça dos homens que só visavam o lucro.

Não venham esses que negam
A esmola ao leproso, ao pobre.
A luva branca do nobre
Oh ! senhores, ano mancheis...
Os pés lá pisam em lama,
Porém as fronte são puras
Mas vos nas faces impuras
Tendes lodo, e luz nos pés.
(ALVES, 1921 p.36)

Não pode adentrar nessa história qualquer pessoa, tem de ser puro de coração, sendo realmente quem compreende e luta pela causa abolicionista no Brasil quem se solidariza com essas pessoas. Na estrofe seguinte, a voz poética ressalta, através de uma conversa feita entre os capangas e a mãe, uma cena muito delicada, na qual os homens querem tomar a criança a todo custo da mãe:

— Escrava, dá-me teu filho !
Senhores, ide-lo ver :
E' forte, de uma raça
bem provada,
Havemos tudo fazer.
(ALVES, 1921 p. 37)

Os senhores têm toda uma seleção de predicativos para a escolha dos meninos, levando em conta aspectos que sempre visam a força de trabalho. Cotrim (2005) lembra que os traficantes de escravos traziam da África várias composições de negros, de diversas linhagens, cada qual com suas características peculiares. Dentre estas, tinham raças superiores, as quais eram mais cobiçadas aqui no Brasil para a mão-de-obra. Fato esse que os

homens levavam em consideração na hora de escolher os meninos para a venda, pois quanto mais forte e robusto mais dinheiro era pedido para o comprador.

— Dá-me teu filho. ! repetiu fremente
 O senhor, de sobr'olho carregado.
 — Impossível!
 — Que dizes, miserável? !
 — Perdão, senhor! Perdão! Meu filho dorme.
 Inda ha pouco o embalei, pobre inocente,
 Que nem sequer presente
 Que ides...
 — Sim, que o vou vender !
 — Vender?!... Vender meu filho?!
 (ALVES, 1921 p.37)

A mãe insiste constantemente para que os senhores tenham piedade dela e do seu filhinho, até o sono do menino ela quer poupar, mas nada disso comove o coração de pedra dos homens que só querem lucrar e vender este menino para outro senhor.

E a mai em pranto aos pés dos mercadores
 Atirou-se a gemer.
 — Senhores ! basta a desgraça
 De não ter pátria nem lar,
 De ter honra e ser vendida,
 De ter alma e nunca amar!
 (ALVES, 1921 p.38)

A mãe fica implora, se humilha aos pés dos homens, mas nada é conseguido. Depois ela diz que basta a vida inteira desgraçada sem ter nada, o único bem que esta mulher tinha era o seu filho. A retirada dele também era a retirada da sua vida.

Só que havia uma esperança. Lá fora os cachorros se agitavam, eram homens negros que vinham à senzala para defender a mulher e o seu filho.

Entram três negros possantes,
 Brilham punhais traiçoeiros. .
 Rolam por terra os primeiros
 Da morte nas contorções.
 (ALVES, 1921 p.40)

Mas nada se resolve e os homens brancos mataram os escravos defensores. Os compradores levam a criança “a chorar” e a mãe vai para o tronco e endoidece de tristeza e saudades.

Um momento depois a cavalgada
 Levava a trote largo pela estrada
 A criança a chorar.
 Na fazenda o azorrague então se ouvia
 E aos golpes — uma doida respondia
 Com frio gargalhar!
 (ALVES, 1921 p.40)

A mãe foi açoitada no tronco porque lutou pela vida do seu filhinho, lutou pela dignidade de poder ser mãe. Logo, fica nítido que qualquer manifestação de resistência dos negros para com os senhores brancos gerava castigos brutais.

A mulher em “A tragédia do lar” é constituída como uma mãe zelosa e caprichosa, a qual tenta preservar de toda e qualquer forma o filho perto de si, tentando impedir a venda do mesmo. Sendo assim, essa mulher pode ser vista como uma mulher forte, que, mesmo na condição de inferior, tentou resistir às empreitas dos compradores para não levar o seu filho, mas nada disso adiantou, porque os homens foram mais fortes.

3.5 Lúcia

O poema retrata uma grande amizade entre uma menina escrava, que é chamada de Lúcia, e um menino branco, filho do senhor que é dono da negrinha, mas, após alguns anos, a família percebe que este sentimento só aumenta, passando de uma amizade para um amor puro de ambas as partes.

Após a descoberta desse real sentimento, a família do menino decide vender Lúcia. De O senhor detentor de Lúcia era o pai do seu melhor amigo, que também, pela a lógica da escravidão, era dono da menina. Mas o pai a tinha, de certa forma, como uma mercadoria, já o menino a tinha como o seu grande amor, apesar de ser também o seu senhor.

Este menino branco, pertencente à alta sociedade brasileira do século XIX, em todo o decorrer do poema, não lhe foi atribuído nome, dessa forma supõemos que seja o próprio Castro Alves novamente, haja vista que existe realmente familiaridade dessa história com a vida do autor, pois era filho de um senhor de escravo, mas que tinha uma sensibilidade extraordinária com os negros e a questão abolicionista brasileira.

O poema começa descrevendo a estação do ano e as características do espaço no qual as duas crianças brincavam, destacando a natureza e também as brincadeiras de ambas as crianças que correm em meio à fazenda escrava. Mas em um terreno de escravidão, sofrimento e desigualdade, perante as condições de raça e cor, existia uma amizade bela entre um branco e uma negra.

Na formosa estação da primavera
Quando o mato se arreia mais festivo,
E o vento campesino bebe ardente
O agreste aroma da floresta virgem...
Eu e Lúcia, corríamos — crianças —
(ALVES, 1921 p.102)

A estação do ano, na qual se encontravam, era a primavera, período do ano que tem como características o renascimento, a juventude, beleza, alegria a sutileza, assim como era a escrava Lúcia. Dessa forma, é como se a melhor estação para se falar sobre Lúcia fosse a primavera. A voz lírica, que é também o menino, compara a boca da negra Lúcia com um pássaro escarlate:

Sua boca era um pássaro escarlate
Onde cantava festival sorriso.
(ALVES, 1921 p.102)

Esse referido pássaro é conhecido nos Estados Unidos como Scarlet tanager, é uma ave migratória nativa e amplamente distribuída na América do Norte, América Central e Noroeste da América do Sul. Fato este que está totalmente ligado com os escravos que foram traficados para as diversas partes da América. E dessa boca de Lúcia só saía cantos alegres e felizes. Na estrofe abaixo, Lúcia tinha relações com família do senhor de maneira diferenciada das outras meninas negras:

E a graça... o modo... o coração tão meigo?...
Ai! Pobre Lúcia... como tu sabias,
Festiva, encher de afagos a família,
Que te queria tanto e que te amava
Como se fosses filha e não cativa...
(ALVES, 1921 p.103)

Lúcia era tida como uma filha e não uma cativa e seu coração era puro. Talvez Lúcia ainda não tivesse conhecido as mazelas de ser escrava, de ser inferior, de ser uma pessoa que pudesse acarretar algumas influências maléficas para a família dos senhores. Observamos, na estrofe a seguir, a comparação que a voz lírica faz entre a criança Lúcia e a mariposa, um inseto que tem geralmente hábitos noturnos.

Meu Deus! um beija-flor fez-se criança...
 Uma criança fez-se mariposa!
 Mas um dia a miséria, a fome, o frio,
 Foram pedir um pouso nos teus lares...
 A mesa era pequena... Pobre Lúcia!
 (ALVES 1921, p.103)

Diz a lenda da Mariposa que a mesma se apaixonou pela luz da lâmpada e de tanto se aproximar dela o seu calor a queima e ela morre. Assim, esse inseto, pela força da paixão, acaba sendo consumido por esse sentimento arrebatador. Esta lenda da mariposa está associada à vida de Lúcia, pois ela também morre por causa da amizade que vira paixão pelo menino branco.

Lúcia que teve que ceder seu lugar à mesa para que os demais pudessem continuar o banquete. Ou seja, a aparente harmonia na fazenda e a relação de fingida igualdade entre senhores e escrava se desfizeram assim que a necessidade apertou. Lúcia, portanto, nunca fora tratada como igual, ela representava apenas um enfeite à mesa, pois era bela e agradável.

Pela última vez ela chorando
 Veio sentar-se ao banco do terreiro...
 Pobre criança! que conversas tristes
 Tu conversaste então com a natureza.
 Adeus! pra sempre, adeus, ó meus amigos,
 Passarinhos do céu, brisas da mata,
 Patativas saudosas dos coqueiros,
 Ventos da várzea, fontes do deserto! ...
 Nunca mais eu virei, pobres violetas,
 Vos arrancar das moitas perfumadas,
 Nunca mais eu irei risonha e louca
 Roubar o ninho do sabiá choroso...
 Perdoai-me que eu parto para sempre!
 (ALVES, 1921 p.104)

Lúcia irá ser vendida, talvez pelo fato de ter surgido um amor entre um branco/senhor, tido como superior, e uma negra/submissa e tida como inferior.

Venderam para longe a pobre Lúcia!...
 Então ela apanhou do mato as flores
 Como outrora enlaçou-as nos cabelos,
 E rindo de chorar disse em soluços:
 Não te esqueças de mim que te amo tanto...
 (ALVES, 1921 p.104)

Observemos o ideal de mercadoria com o qual era tratada a escrava, ou seja, a resolução do problema foi vender Lúcia, pois jamais seria vista novamente. Também notamos que todo o tratamento diferenciado que Lúcia tinha da família branca foi totalmente corrompido, pois ela era escrava e sua condição barrava o tratamento mais íntimo, porque Lúcia, de certa forma, ameaçava a integridade da “raça superior”.

Depois de muitos anos passados, eis que o menino, o qual está na condição de homem adulto, se encontra com a Lúcia mulher. Lúcia já não era do mesmo jeito, o seu semblante tinha se modificado, os anos pareciam que tinham se multiplicado para Lúcia e o sofrimento expresso mostrava a marca da escravidão.

Muitos anos correram depois disto ...
 Um dia nos sertões eu caminhava
 Por uma estrada agreste e solitária,
 Diante de mim ua mulher seguia,
 — Co' o cântaro à cabeça — pés descalços,
 Co'os ombros nus, mas pálidos e magros ...
 (ALVES, 1921 p.104-105)

Lúcia já não é a mesma, depois de longos e duros anos escravos, suas condições eram tristes, sua beleza e alegria já não podiam ser comparadas à primavera, pois seu semblante não dava sinais de nenhuma das características de tal estação.

Ela cantava, com uma voz extinta,
 Uma cantiga triste e compassada ...
 E eu que a escutava procurava, embalde,
 Uma lembrança juvenil e alegre
 Do tempo em que aprendera aqueles versos...
 De repente, lembrei-me. . . Lúcia! Lúcia!
 (ALVES, 1921, p.105)

O homem ficou à procura de quem seria esta mulher que se encontrava em uma situação tão triste, o seu canto era familiar, porém não era mais alegre, agora ele era revestido de tristeza que emergira de uma vida cruel.

... A mulher se voltou ... fitou-me pasma,
Soltou um grito. . . e, rindo e soluçando,
Quis para mim lançar-se, abrindo os braços.
... Mas súbito estacou ... Nuvem de sangue
Corou-lhe o rosto pálido e sombrio ...
Cobriu com a mão crispada a face rubra
Como escondendo uma vergonha eterna ...
Depois, soltando um grito, ela sumiu-se
Entre as sombras da mata ... a pobre Lúcia!
(ALVES 1921, p.105)

Os tempos de aurora de Lúcia se perderam nas marcas da escravidão, o seu rosto agora passava uma imagem triste de uma vida de sofrimento. Ela, que antes era linda, agora tinha vergonha da sua própria imagem, o menino/homem ao vê-la notou que a mesma ficou muito envergonhada, que seu sangue subiu para o seu rosto, como se ela jamais esperasse tal reencontro.

Lúcia sentiu uma vergonha eterna, vergonha esta que foi consubstanciada pela escravidão que deprimira a vida e a imagem dos negros e negras escravizados. O amor do senhor branco por uma negra era totalmente impedido pela família. Notemos, ainda, que este menino tinha um sentimento puro por Lúcia, não encarando o amor, como ressalva Freyre (2005), como puro sentimento de sexo. Ele sentia realmente um amor que era advindo desde a adolescência. Porém, o mesmo não tentou nenhuma forma de reação quando Lúcia foi vendida.

Lúcia é uma menina-mulher que é retratada até o meio do poema como essência de beleza e felicidade, pois neste período ela ainda não tinha conhecido os males da vida escrava, após a sua venda, compreendemos que tenha exercido uma vida cruel de escrava, e Lúcia muda completamente, os seus ares já não são como antes.

A figura de Lúcia é retratada como uma mulher extremamente sofrida, na qual o seu rosto expressa as mazelas da vida escrava e de uma beleza física destruída. Acrescentamos que o amor no panorama escrava e branco não era permitido, qualquer que fosse a ameaça de tal união significava a venda da miserável.

O poema, se comparado aos outros analisados, tem características mais amorosas, porém ressalva aspectos imprescindíveis para a continuidade do nosso trabalho. Ressalvamos

ainda que mesmo se constituindo como um escrito de caráter amoroso se confrontado com os outros analisados, não está situado na perspectiva de escritos de Castro que visava o amor à mulher. Este referido poema revela a condição escrava de uma menina que estabelece uma fonte de denúncia e não como uma história de amor .

3.6 Aspectos relevantes sobre as análises dos poemas

Após as análises dos poemas compreendermos aspectos relevantes sobre a constituição da mulher negra e suas relações sociais. Dessa forma, esse tópico tecerá algumas considerações sobre a figura da mulher negra em conformidade com os poemas analisados.

A sociedade do século XIX, escravocrata, patriarcal e de brancos, estereotipou na imagem da mulher negra à condição de sexualismo avassalador, gerando resquícios dessas postulações errôneas em pleno século XXI, e suscitando diversos preconceitos diante da imagem da mulher negra. Permitindo, dessa maneira, o conhecimento da negra não por suas histórias de vivências, mas por tais atribuições inverídicas.

É notório, na sociedade atual, que essas atribuições sejam superiores às histórias de vidas das negras no período de escravidão, sendo toda essa história de dor, sofrimento e privações esquecidas quando comparadas com a relação da mulher negra ao sexo.

Através das análises dos poemas de Castro Alves, compreendemos a negra como uma mulher humanizada e sensível e que tem em sua imagem atrelada ao sofrimento, numa expectativa totalmente limitada, sendo impossibilitada de reverter à posição de subordinada e inferior que os colonizadores lhe atribuíram.

O eu lírico em todos os poemas reconhece o sofrimento delas. As mulheres que Castro Alves se remete são mulheres que não estão atreladas as práticas sexuais mundanas. E sim mulheres sofredoras diante das situações, ao passo que nenhum tipo de relações sexuais são expressas em seus poemas.

Percebemos também que as mulheres utilizavam o “cantar” para expor seus sofrimentos, isso ficou refletido em todos os poemas, sendo assim uma forma de denúncia das atrocidades, às quais essas pessoas eram submetidas. Freyre (2003, p. 413) lembra que “Foram às negras que se tornaram entre nós as grandes contadoras de histórias”. Através da musicalidade cantada, as negras repassaram suas culturas, lendas e histórias para as gerações procedentes. Muita cultura que a humanidade hoje se utiliza, como músicas, rituais e culinárias, dentre outras, que foram utilizadas na sociedade branca, emergiu do cantarolar das negras que passaram de geração para geração os seus bens culturais.

De essa forma, o cantar que as negras utilizaram nas poéticas analisadas de Castro expressava além de transmissão de culturas: o canto à saudade de sua terra, o canto lamento social, o canto conhecedor de uma lembrança do passado, de um amor.

Também em todos os poemas analisados, que trazem a questão da maternidade quando se trata da temática mulher, ficou claramente evidenciado que na constituição familiar a mãe negra exercia o papel de exclusividade, ao passo que a deixava, mais ainda limitada perante as imposições dos senhores, pois ela era única na constituição da negritude.

Os filhos das negras eram mercadorias valiosas para a utilização nos trabalhos escravos, e que poderia ser vendido ou alugado e isso gerava grandes tristezas para a mãe, que fica em condição de infelicidade constante, além disso, ela sabia que não poderia fazer nada diante desse terrível fato.

Também notamos que a temática da morte foi bastante explorada pelo o autor e foi concebida em dois poemas: “Mãe do cativo”, no qual a voz lírica dá conselhos para a mãe cessar a vida do filho, e “Mater dolorosa”, na qual a mãe mata o seu próprio filho. A morte em ambos os poemas se apresenta como um estado de felicidade, sendo a vida um processo biológico, na cadeia dos escravos é um processo que se inverte, ou seja, torna-se diferente dos processos habituais, pois a morte é tida como estado de felicidade de libertação, enquanto a vida é tida como tempos de sofrimentos e angústias. Na vida, não conhecem a alforria, mas na morte a conhecem.

Dessa forma, a partir da análise dos poemas, percebemos que as mulheres retratadas por Castro Alves são mulheres humanizadas e sensíveis e que o autor não olha para tais mulheres como a sociedade do século XIX olhava, na qual tratava estas como objetos sexuais e mercadorias. Castro tem um olhar verdadeiro, humanizado e sensível e expressa tudo isso nos seus poemas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A independência “arrumada” do Brasil não modificou a estrutura política administrativa, mas aconteceu concomitantemente com o surgimento da maior expressão literária artística de todos os tempos, o romantismo, o qual possibilitou através de Castro Alves, a quebra de silêncios de anos de pessoas que jamais conheceram a autonomia em terras Americanas.

Nos seus escritos, Castro dá voz àqueles que jamais foram vistos pela sociedade, que jamais foram tratados como iguais, mas que movimentavam todo o Brasil escravocrata, econômico e exportador. Eis que surge uma literatura comprometida com o social e libertário, a qual tinha os negros africanos como porta voz de toda essa massa silenciada e oprimida. E, nessa conjuntura, se encaixa a mulher negra africana escrava no Brasil. Mulheres que a sociedade oprimiu, mas que Castro “desoprimiu” através dos seus escritos, dando-a a voz lírica.

Às mulheres negras, a sociedade brasileira patriarcal e de “branqueamento” impôs um estereótipo de “mulheres mundanas”, e as relacionaram de forma incondicional ao sexo “animal”, sendo que a mesma em sua integridade não trouxera tais hábitos inapropriados para o Brasil, mas teve contato com tais costumes em terras brasileiras, por causa da sua singular condição “escrava”.

As mulheres negras escravas retratadas nos poemas de Castro Alves se configuram como mulheres altamente humanizadas e sensíveis. Em “Canção do Africano”, percebemos uma mulher negra que é comprometida com a vida do seu filho, a qual canta uma música que a faz relembrar a vida na África, e tenta a todo custo preservar o sono e conseqüentemente os sonhos do seu filho. Já em “A Mãe do Cativo” temos uma mãe altamente zelosa, a qual fia vestimentas para o seu filho usar, mas que a todo o momento a voz lírica dá conselhos para que ela acabe com a vida do seu filho para livrá-lo de sofrimentos e humilhações. Em “Mater dolorosa” temos uma mulher mãe que mata seu próprio filho, para que não tenha a sua sorte cruel de “ser escravo”, preservando-o da vida de aflição e dor. Prontamente em a “Tragédia no Lar” temos uma mãe dedicada e corajosa que sofre as dores de ver seu filho vendido pelos comerciantes de negros, observando assim o teor da mercadoria negra, a qual gera riquezas (para seus senhores) e dores (para mães negras). Já em “Lúcia” temos uma história de uma mulher que é retratada da infância à fase adulta, mostrando as ameaças que as mulheres negras exerciam em relações as famílias brancas, se configurando como ameaças a cultura branca e superior. O poema também demonstra a relação de poder dos brancos (dominantes)

frente a mercadoria escrava, porque às primeiras ameaças de um possível afeto amoroso, mandaram vender a pobre Lúcia.

Verificamos que as relações parentais ficaram altamente anuladas nos escritos de Castro Alves, sendo que só em a ‘Canção do Africano’ se tinha uma imagem de um homem, no qual não se compreende o papel que ele exerce na vida da mulher negra e seu filho. Mas também nos outros poemas foram destituídas imagens de parentescos.

A mulher negra, em decorrência do seu poder reprodutivo e “produtivo”, tinha um lugar diferenciado, mesmo que essa diferença não fosse agradável, pois na prática elas geravam grandes sofrimentos, pois seus filhos eram considerados objetos pelos brancos e poderiam ser vendidos ou alugados a qualquer momento.

Verificamos que a forma como Castro demonstrava as mulheres negras, nas poesias, aponta ele mesmo como participativo da questão abolicionista. E realmente Castro era um filho de senhores de escravos, que pela lógica da sociedade escravocrata seria, também, um senhor de escravos, mas ele optou por ser poeta desse segmento altamente explorado, dando voz aos cativos. Era, na lógica social, um superior falando de pessoas inferiores, mas nos seus escritos Castro toma as “dores” dos escravos e se coloca no mesmo patamar deles, sendo irmãos. Ambos são constituídos como escravos, Castro por ser pertencente a um segmento social vergonhoso e os escravos por serem reféns desse segmento social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Castro. **Obras Completas (em dois volumes)**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1921.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1975.
- _____. **Formação da Literatura Brasileira – Momentos decisivos 1750 – 1880**. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro. 2013.
- _____. **Dialética da Colonização**. Companhia das Letras, São Paulo. 1992
- CALDWELL, Kia Lilly. **Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil**. 2000. Rev. Estudos.
- CANDIDO, Antônio, **O Romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2004
- COTRIM, Gilberto. **História global, Brasil e geral**, Saraiva. São Paulo. 2005.
- COUTINHO, Afrânio. **Introdução à Literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. . São Paulo: Global, 2003.
- GIACOMINI, Sônia. **A conversão da mulher em mãe: Uma leitura do “A Mãe de família”**. Revista Brasileira de estudos populacionais. Campinas. 1985.
- _____. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Curitiba: Appris, 2013.
- SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno príncipe**. Rio de Janeiro, Editora Agir, 2009. Aquarelas do autor. Tradução por Dom Marcos Barbosa.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. 1989
- MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**, Volume I: das origens ao romantismo. São Paulo: Cultrix, 2012.
- _____. **A Literatura Brasileira através dos textos**. revisada e ampliada. São Paulo. Cultrix, 2012.
- NICOLA, J. E TERRA, E. **Português: de olho no mundo do trabalho**. Editora Scipione. São Paulo. 2004